

OLIRA SARAIVA RODRIGUES

**WEBLOGS PESSOAIS E IDENTIDADE:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Doutora Glacy Queirós de Roure.

GOIÂNIA, SETEMBRO - 2009

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Drª Glacy Queirós de Roure/Presidente

---

Profª Drª Joana Peixoto/PUC-GO

---

Profª Drª Mirza Seabra Toschi/UEG

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## **DEDICAÇÃO ESPECIAL**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele nada seria possível.

Aos ensinamentos de meu pai, pois sei que estando aqui entre nós estaria orgulhoso de sua única filha em mais uma conquista alcançada.

À minha mãe, pela dedicação e incentivo, e, principalmente, por compreender minha ausência durante a realização deste trabalho.

Ao meu marido, pelo real apoio, me acompanhando em busca dos meus sonhos.

E, finalmente, aos filhos que hei de ter, minhas fontes de inspiração.

## AGRADECIMENTOS

À professora doutora Glacy Queirós de Roure, minha orientadora, que abriu meu olhar para uma atuação compromissada com a Análise de Discurso, meu eterno agradecimento.

Às professoras doutoras Joana Peixoto e Mirza Seabra Toschi, participantes da banca, pelas contribuições enriquecedoras na qualificação.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-GO, pelo empenho, auxílio, companheirismo e diálogos.

À Manu, *blogger* analisada na pesquisa, por disponibilizar sua página virtual para o estudo.

Aos meus colegas de trabalho da Diretoria de Ciência e Tecnologia, por todo o apoio e estímulo nos momentos de dificuldade.

Enfim, a todos que acreditaram e contribuíram, mesmo que indiretamente, para a conclusão deste trabalho.

## RESUMO

O presente estudo investiga a Sociedade em Rede, como uma sociedade que pressupõe novos processos discursivos, cognitivos, sociais e culturais, pois, conforme Castells (2005), está em contínuo movimento, virtual em sua essência. É possível observar no ciberespaço, mais especificamente na blogosfera, corpus discursivo da pesquisa, a presença de inúmeros dispositivos que permitem ao *blogger*, autor de *weblog*, trocar informações e estabelecer laços virtuais. Dentre eles há os *weblogs* pessoais, em que seus autores oferecem informações que consideram importantes, descrevem seu cotidiano e relatam sobre si. Operação discursiva semelhante a escrita de um diário íntimo, em que o *self* é colocado em evidência (LEJEUNE, 2008; SCHITTINE, 2004). Assim sendo, será proposto uma análise linguístico-discursiva (ORLANDI, PÊCHEUX) em *weblogs* pessoais, que permitam compreender tal discursividade, considerando ainda que o discurso sobre a construção de novas identidades tem sido determinado por um discurso maior, que potencializa a existência de “novas subjetividades” e “novos laços sociais”, a partir dos conceitos de “ciberespaço”, “cibercultura” e “realidade virtual” (LÉVY, 1999), produzidos pelas Comunicações Mediadas por Computador (CMC). Este trabalho parte do pressuposto que os *weblogs* não se constituem apenas como um simples dispositivo técnico, mas sim como um fenômeno social, espaço privilegiado para a confirmação de um sentimento de existência e utilizado como recurso identitário na construção do que vem sendo denominado de “identidade virtual” (HALL, 2005; BAUMAN, 2005). Enfim, trata-se de apreender alguns dos sentidos e processos de significação presentes no mundo da virtualidade, como um modo de se compreender melhor o outro, seja aluno, professor, colega, familiares..., como também a si próprio. O processo de análise conta com autores como: Lévy (1999), Castells (2005) para Sociedade em Rede e Cibercultura; Pêcheux (1988) (1997), Orlandi (1996) (2001) (2006) para a Análise de Discurso; Hall (2005), Bauman (2004) (2005), Turkle (1997) para Identidade e Lejeune (2008) e Schittine (2004) para Weblogs.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade virtual, análise de discurso, weblogs pessoais.

## ABSTRACT

This study investigates the Network Society, as a society that assumes new discursive processes, cognitive, social and cultural, because, as Castells (2005), is in constant movement, virtual in essence. It can be seen in cyberspace, specifically the blogosphere, discursive corpus of research, the presence of numerous devices that allow the blogger, author of the weblog, share information and establish virtual links. Among them are the personal weblogs, where the authors provide information they consider important, they describe their daily life and report on them. Discursive operation like writing a diary, in which the self is placed in evidence (LEJEUNE, 2008; SCHITTINE, 2004). Accordingly, it proposed a linguistic and discourse analysis (ORLANDI, PÊCHEUX) in personal weblogs, for understanding this speech, and considering that the discourse on the construction of new identities have been determined by a speech major, which potentiates the existence of "new subjectivities" and "new relationships", to the concepts of "cyberspace", "cyberculture" and "virtual reality" (LÉVY, 1999), produced by Computer-Mediated Communications (CMC). This search assumes that weblogs were not only as a simple technical device, but as a social phenomenon, a privileged space for the confirmation of a feeling of existence and used as a resource in the construction of identity that has been called "identity virtual" (HALL, 2005; BAUMAN, 2005). Finally, it is to hold some sense and significance processes present in the virtual world, as a way to better understand each other, as student, teacher, colleague, family..., but also himself. The analysis process includes authors such as Lévy (1999), Castells (2005) for the Network Society and Cyberculture; Pêcheux (1988) (1997), Orlandi (1996) (2001) (1987) for discourse analysis, Hall (2005), Bauman (2004) (2005), Turkle (1997) for Identity and Lejeune (2008) and Schittine (2004) for Weblogs.

KEYWORDS: virtual identity, discourse analysis, personal weblogs.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>AD</b>	Análise de Discurso
<b>CMC</b>	Comunicações Mediadas por Computador
<b>CGE/AC</b>	Controladoria Geral do Estado do Acre
<b>FD</b>	Formação Discursiva
<b>FI</b>	Formação Ideológica
<b>MUD</b>	Multi-user Dungeon
<b>NTICs</b>	Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1.** Página inicial do WordPress em Inglês

**Figura 2.** Página inicial do WordPress em Português

**Figura 3.** Página inicial do Blogger em Português

**Figura 4.** Postagem do Weblog Pessoal: Manu ao pé da letra (17/04/2009)

**Figura 5.** Postagem no Weblog Pessoal: Manu ao pé da letra (22/03/2009)

**Figura 6.** Postagem do Weblog Pessoal: Manu ao pé da letra (31/03/2009)

**Figura 7.** Postagem no Weblog Pessoal: Manu ao pé da letra (08/06/2008)

**Figura 8.** Postagem do Weblog Pessoal: Manu ao pé da letra (04/09/2009)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO 1 SOCIEDADE EM REDE .....	17
1.1 Cibercultura, Ciberespaço e Virtualidade .....	20
1.2 Tempo e Espaço .....	24
1.3 Identidade, Identidades .....	27
1.3.1 Identidade como um processo mutável .....	29
1.3.2 Identidade Virtual .....	30
1.3.3 MUDs .....	33
1.4 Weblogs .....	35
1.5 Weblogs e Identidade .....	40
CAPÍTULO 2 ANÁLISE DE DISCURSO .....	43
2.1 Filiações Teóricas .....	44
2.2 Sujeito no(do) discurso .....	46
2.3 Discurso, Texto e Sentido .....	47
2.4 Silenciamento e Discurso .....	49
2.5 Formação Ideológica e Formação Discursiva .....	50
2.6 Interdiscurso e Intradiscurso .....	52
2.7 Paráfrase e Polissemia .....	53
2.8 Metáfora e Metonímia .....	55
2.9 Posição Discursiva .....	56
2.10 Corpus Discursivo .....	56
2.11 Trabalho de Interpretação .....	58

CAPÍTULO 3 ANÁLISE DO WEBLOG PESSOAL .....	60
3.1 Descrição do corpus discursivo .....	61
3.2 Convergências e Divergências de Gêneros .....	63
3.3 Análise .....	65
3.3.1 A plataforma .....	65
3.3.2 Blog da Manu .....	70
3.3.2.1 “Eu preciso voltar para o centro.” .....	71
3.3.2.2 “Eu gosto de unhas vermelhas e saltos altos.” .....	73
3.3.2.3 “Eu sou a que sou.” .....	76
3.3.2.4 “As minhas duas faces.” .....	77
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	79
REFERÊNCIAS.....	82
GLOSSÁRIO .....	86

## INTRODUÇÃO

Refletir e trabalhar com a linguagem é uma prática que desenvolvo desde o início de minha trajetória dentro da universidade. Como acadêmica do curso de Letras, frequentemente me questionava sobre as contribuições de análises linguísticas aos processos de investigação, de como se constituem as possíveis interrelações entre a interação verbal e social.

Agora, também inserida ao campo das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, pela função que exerço profissionalmente, preocupa-me a compreensão do papel da tecnologia na contemporaneidade, pois atualmente o computador e a Internet se apresentam como recursos não somente tecnológicos, mas culturais e em contínua evolução.

Diante desse quadro, o projeto que apresentei como candidata ao mestrado na Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, buscava primordialmente entender o papel da linguagem na Internet - o “Internetês” - difundida em *chats* e *blogs*, numa linguagem fragmentada, codificada e veloz, cujo funcionamento permitia-me pensar em novas subjetividades.

No decorrer das leituras e reflexões obtidas nas disciplinas cursadas, suscitou-me o desejo de trabalhar com a linguagem não somente concebida em sua materialidade linguística, mas tendo em vista sua materialidade discursiva, permanecendo o campo de estudo: o ciberespaço.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho será de compreender os diferentes processos de significação que estão sendo historicamente construídos na Sociedade em Rede, e de modo especial, na blogosfera, cujo funcionamento nos permite acessar as denominadas identidades virtuais. Tem ainda como objetivo levantar reflexões e questionamentos sobre as novas formas de interação social e verbal, constituídas através de redes de informação eletrônicas.

Considera-se que o discurso sobre a construção de identidades virtuais de natureza múltipla e fluida no ciberespaço é alicerçado no discurso da cibercultura, sustentado, de modo determinante, pela obra “Cibercultura” de Pierry Lévy (1999). Vale destacar que, nessa discursividade, a existência de uma cultura de simulação é

afirmada como sendo de fundamental importância na produção de “novos laços sociais” e de “novas subjetividades”.

A constituição da identidade na Sociedade em Rede será meu objeto de estudo, pois este fenômeno encontra-se presentificado no próprio movimento histórico-social contemporâneo. Como se sabe, no ciberespaço os sujeitos interagem entre si e constroem páginas pessoais de maneira singular: ao relatar vivências cotidianas, discutir política, informar sobre assuntos diversos, estabelecem relações sociais e constroem identidades. Práticas discursivas advindas da cibercultura, reveladoras de um modo de ser e de estar com o outro.

No ciberespaço, a comunidade virtual que me instigou interesse foram os *weblogs*, conhecidos *blogs*, por demandarem do sujeito uma “exigência de escrever com regularidade aliada à necessidade de leitura pelo público” (SCHITTINE, 2004, p. 14), além de apresentar uma necessidade do usuário publicizar e dar visibilidade ao seu cotidiano. Dentre os *weblogs*, os gêneros pessoais foram os escolhidos, já que o fenômeno da identidade virtual estaria em estudo. Prática discursiva que parece ser utilizada pelo sujeito para refletir sobre si.

Em relação à utilização desta ferramenta, a estatística apresentada no *site* Technorati<sup>1</sup> dos últimos dois anos indica uma crescente quantificação de *blogs* criados. No texto: “*Technorati e Blogblogs – organizando a blogosfera*”, (SOUZA, 2007), há a indicação de que, de acordo com este *site*, existem 70 milhões de *blogs* ativos no mundo. Já em 2008, dados capturados pelo também *site* *Technorati*, indica 133 milhões de *blogs* em 66 países dos seis continentes.

Segundo os dados apresentados, observa-se que de 70 milhões em 2007 houve um acréscimo para 133 milhões em 2008, quase 100% a mais de *blogs* ativos, ferramenta que ganhou uma grande aceitação de autores que a adotaram para publicar seus textos, suas descobertas, os sentimentos sobre si, na rede mundial de computadores.

Tudo isso porque, o desenvolvimento de uma *interface* mais simples que um *site*, por exemplo, também aproximou o usuário, com pouco conhecimento técnico, de se utilizar do modelo dessa página virtual, cujo ambiente aceita textos

---

<sup>1</sup> Site utilizado como fonte de pesquisa para entender a blogosfera, um termômetro da popularidade de diversos assuntos. Vale lembrar que, o **Technorati** considera como **blog ativo** a página que é atualizada pelo menos uma vez a **cada** três meses.

escritos, imagens estáticas (figuras), imagens em movimento (vídeos), sons (músicas) e outros recursos que, com interesse, pode-se aprender.

Essa independência e autossuficiência obtidas pelo usuário que se propõe utilizar-se da plataforma, devido sua praticidade em manuseio, como facilidades para edição, atualização e manutenção, culmina na satisfação do sujeito-internauta em conectar-se com a blogosfera.

Talvez sejam esses atributos da plataforma os motivos do sucesso, e, por consequência, do aumento na quantidade de adeptos, nessa chamada ferramenta de autoexpressão. Além, é claro, da maior parte dos provedores não cobrar nenhuma taxa de hospedagem, ou seja, de ser um recurso gratuito para se expressar, principalmente, na atividade de escrita.

Mas, se de modo geral os *weblogs* podem ser considerados como mais um dispositivo técnico passível de ser utilizado na rede, os *weblogs* pessoais parecem se apresentar como um fenômeno social, espaço privilegiado para a confirmação de um sentimento de existência. Utilizado como um possível recurso identitário, o modo como vem sendo utilizado por seus autores tem permitido pensar o que vem sendo denominado como “identidade virtual” (HALL, 2005).

A escolha do *weblog* a ser analisado só foi realizada após um longo tempo de observação de textos postados na blogosfera. O fato de todos os *weblogs* observados, no decorrer deste tempo, serem de adultos, explica-se a partir de uma das condições impostas ao sujeito-internauta para participar no mundo da blogosfera: escrever regularmente, ou seja, manter uma constante atualização, associada à qualidade nas postagens para que se garanta fidelidade de visita dos leitores.

Em relação ao gênero, vale ressaltar que os *weblogs* observados eram em sua maioria de autoria feminina. Aliás, em relação ao predomínio de *bloggers* de autoria feminina, nossa observação na blogosfera reforça um dado constatado por Lejeune (2008), de que em suas pesquisas “as mulheres escrevem e leem mais do que os homens” (p. 258).

No decorrer da pesquisa, foram selecionados quatro *weblogs*, como corpus discursivo<sup>2</sup>. Após a qualificação, por consenso da banca, um único *weblog* foi

---

<sup>2</sup> Espaço discursivo da análise.

determinado para o estudo, isso porque além de apresentar um compromisso de regularidade de escrita, culminando na atualização constante, apresentava marcas enunciativas reveladoras de uma discursividade carregada de traços identitários.

O *weblog* escolhido foi “Manu ao pé da letra”, cujo endereço eletrônico é: <http://blogdamanuca.blogspot.com>. Vale destacar que a *blogger*<sup>3</sup> estudada é concebida, neste trabalho, menos como um indivíduo de natureza singular, mas como uma representante de uma discursividade própria do nosso tempo. A *blogger* tem 33 anos, é formada em Letras e Direito e funcionária pública da CGE-AC, residente em Rio Branco-Acre. Seu *blog* pessoal foi criado há mais de dois anos, desde março de 2007.

Mas, de que modo poderíamos entender os significados de um determinado internauta escrever sobre sua vida pessoal, com seus anseios, frustrações, etc., e postar numa página virtual? E, ainda mais: de publicizar suas experiências cotidianas, pela via da escrita?

Para o desenvolvimento da presente investigação, a opção será por uma abordagem discursiva, na medida em que nos propomos analisar, na blogosfera, a presença de funcionamentos discursivos e processos de significação que nos possibilitem compreender a relação identidade e virtualidade apresentada no ciberespaço. Ou seja, investigar discursivamente como os *weblogs* pessoais, concebidos como possíveis espaços privilegiados para a confirmação de um sentimento de existência, são produtores e reveladores de discursividades próprias da cibercultura.

Pensar a discursividade numa Sociedade em Rede é reconhecer o discurso da Cibercultura como produtor de diversos efeitos nos setores sociais e

<sup>3</sup> A posição discursiva a ser ocupada pela *blogger* deve ser remetida às formações imaginárias ideológicas que ela apresenta.

Observe uma estatística no site Technorati que corrobora a predominância feminina em *weblogs* pessoais ( 83% de mulheres e 76% de homens) e a idade adulta (18 a 24 anos – 9% mulheres e 15% homens e acima de 25 anos 91% mulheres e 85% homens):

<b>Demographics</b>	<b>Female</b> (N=438)	<b>Male</b> (N=852)
<b>Personal Blog</b>	83%	76%
<b>Professional Blog</b>	38%	50%
<b>Age</b>		
18-24 years old	9%	15%
25+	91%	85%

culturais. Para tanto, será tomado como referencial teórico a Análise de Discurso, por relacionar, língua, sujeito, história e sentido, uma vez que é por meio do discurso que se pode observar a relação da língua, história e ideologia. Não importa o sentido literal do dizer, mas a materialidade discursiva, a forma material do discurso, bem como, a historicidade presente no dizer. Por meio do funcionamento discursivo, compreender a significação da relação identidade e virtualidade presentificada nos *weblogs*.

Enfim, a escolha da abordagem discursiva se deu pelo seu aspecto desafiador, que nos ensina a pensar, pensar que o sentido pode ser sempre outro. A Análise de Discurso necessita de teorização para não ficarmos repetindo o que já está posto, aos sentidos mesmos, bem como, aceitar que a linguagem não é transparente, acreditando na opacidade do texto.

Então, pensar a ideologia através da linguagem é entender que a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua. Partindo desses pressupostos, a pesquisa ficou estruturada em três capítulos.

No primeiro, apresento e discuto os conceitos: Sociedade em Rede, cibercultura, ciberespaço, virtualidade, identidade e *weblogs*. Para tal, utilizamos os teóricos: Castells, Lévy, Hall, Bauman, Turkle, Lejeune, dentre outros.

No segundo capítulo, discorro sobre o arcabouço teórico da Análise de Discurso (AD), de linha francesa, cujos fundamentos básicos fez-me optar por esse dispositivo teórico-metodológico para desenvolver o presente trabalho. Nesse capítulo, apresentarei conceitos de discurso, formação discursiva e formação ideológica, paráfrase e polissemia, metáfora e metonímia, interdiscurso e intradiscurso, silenciamento, posição discursiva e corpus discursivo. Como autores, utilizo Pêcheux, Orlandi e Roure.

Já, no último, apresento a análise do *weblog* pessoal “Manu ao pé da letra”, cuja materialidade enunciativa nos permite concebê-lo como representante de uma discursividade própria da cibercultura. Nesse capítulo, utilizo todos os autores supracitados e mais alguns para fundamentar minha análise.

No entanto, sei que os sentidos absorvidos nas análises não são únicos, pois há espaços nos discursos, conhecidos como não-ditos. Mas acredito que “a

análise de discurso pode ser vista como uma forma de conhecimento da linguagem” (ORLANDI, 1987, p. 177).

Dessa forma, não se cabe revelar a verdade, afinal há uma profunda incompletude produtora de novos sentidos.

# CAPÍTULO 1

## SOCIEDADE EM REDE

Mais que capital principal das grandes empresas, o conhecimento é hoje fonte de riqueza ou pobreza dos povos, de desenvolvimento ou atraso para as nações. Ou seja, riqueza quando bem utilizado e acessível a todos; pobreza, quando isso não ocorre e a sociedade é afetada por disparidades sociais e problemas típicos do subdesenvolvimento. Vive-se o despontar da sociedade do conhecimento, da sociedade informacional (CASTELLS, 2005), e, este é o grande capital a ser utilizado.

Para Castells (2005), a partir da revolução da informática, o conhecimento tornou-se cada vez mais abrangente, multidisciplinar, fluido e permeável. Surgem novos enfoques comunicativos e uma nova visão do mundo, da sociedade, do homem e da vida. Tem-se nesse momento, a “Sociedade em Rede”, uma sociedade em contínuo movimento, virtual em sua essência. Enfim, uma sociedade que pressupõe e determina novos processos discursivos, cognitivos, sociais, culturais e psíquicos, efeitos da complexidade e transitoriedade deste tempo.

Segundo tal autor, a característica dessa forma de sociedade não pode ser dada ao papel crucial que o conhecimento e a informação ocupam em sua constituição. Conhecimento e informação, na verdade, foram centrais para todas as sociedades. O que é novo, hoje, é o conjunto de tecnologias da informação com as quais se lidam. Tecnologias para agir sobre a informação e não apenas a informação para agir sobre a tecnologia, como no passado. É bom destacar que uma Sociedade em Rede não se constitui num sistema estável, uma vez que está sujeita a dois agentes poderosos de transformação: a tecnologia e a informação. A presença desses agentes desencadeia uma avalanche crescente de mudanças, sem uma perspectiva de estabilização ou limites definidos.

Em “A Sociedade em Rede”, Castells (2005) afirma que, está-se presenciando uma nova revolução, a chamada Revolução da Tecnologia da

Informação, e, cujos efeitos moldam vidas. Nesse sentido, referenda o que foi dito por Toffler em sua obra, “A Terceira Onda” (1980): “[...] uma poderosa maré se eleva através de grande parte do mundo inteiro, criando um ambiente novo, frequentemente extravagante, para trabalhar, brincar, casar, criar filhos e aposentar-se” (TOFFLER, 1980, p. 15).

Conforme Castells (2005), vive-se em um mundo que se tornou digital, e, o ponto focal desse novo mundo refere-se às tecnologias da comunicação e processamento. Desse modo, a informação é armazenada, recuperada e processada a partir de novos contextos, linguagens e discursos. Pode ser transmitida e recebida por todos<sup>4</sup>, e, por todos, modificada.

Segundo Tramontano (2003), “os efeitos dessa informatização estender-se-iam a instituições, processos sociais, relações interpessoais, estruturas de poder, trabalho, lazer, educação, e ainda além” (p. 114). Um fenômeno que ocorre em sintonia com novos fenômenos, uma linguagem digital comum a todos, independente de cultura, língua e costumes.

O que se destaca, de maneira marcante, nesta revolução tecnológica, não é a centralidade de informação e conhecimentos restritos a alguns, mas a aplicação de mais conhecimento e de mais informação, num processo contínuo e de expansão ilimitada. Isso acarreta, por um lado, novas tecnologias advindas desses conhecimentos, por outro lado, mais informações e, também, mais conhecimentos.

No sentido prático, quanto mais tecnologia, mais usuários conectados na rede, mais informações redefinidas, e, evidentemente, mais conhecimento e mais necessidade tecnológica. Castells (2005) destaca que a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, ou seja, o poder da tecnologia está em sintonia com o amplo universo onde atua. O que possibilita uma grande revolução cultural com enorme repercussão econômica, científica e social.

Para o autor, as novas tecnologias da informação difundiram-se pelo globo com a velocidade da luz em menos de duas décadas, entre meados dos anos 70 e 90, por meio de um processo que é característico dessa revolução tecnológica:

---

<sup>4</sup> Entretanto, o fato de a tecnologia estar disponível a todos não significa estar acessível a todas as classes sociais.

a aplicação imediata no próprio desenvolvimento da tecnologia gerada, ou seja, conforme a tecnologia é produzida, ela atua no sentido de formar mais tecnologia, conectando o mundo e difundindo a informação.

E, como essa sociedade é ampla e aberta, ela atua como produtora e também consumidora de bens culturais num processo de auto-criação. Quanto mais informações conectarem-se ao ciberespaço, maior será o grau de sua apropriação por diferentes internautas que poderão modificá-las segundo seus próprios conceitos, concepções estéticas e idiosincrasias. No caso do *software* livre, tem-se, inclusive, a possibilidade de o usuário assumir o controle da tecnologia e intervir no próprio *software*.

Como destaca Castells (2005, p. 109), “uma característica dessa revolução tecnológica é a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado”. Uma grande interação entre usuários, servidores e entre outros atores, formando o grande tecido da Sociedade em Rede. Tudo isso num processo cooperativo.

É por isso mesmo que, para este autor, a Internet não é somente uma rede passiva de informações, mas, acima de tudo, de interação e socialização entre os agentes.

As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais. Mas a tendência social e política característica da década de 1990 era a construção da ação social e das políticas em torno de identidades primárias – ou atribuídas, enraizadas na história e geografia, ou recém-construídas, em uma busca ansiosa por significado e espiritualidade. Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela preeminência da identidade como seu princípio organizacional. Por identidade, entende-se o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado, principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais (2005, pp. 57, 58).

Mas, se até este momento concorda-se com Castells, que a busca da identidade é um fenômeno próprio da Sociedade em Rede, é por se considerar as reflexões apresentadas pela Análise de Discurso (AD), que a constituição desta identidade virtual será pensada neste trabalho, a partir de uma discursividade que

diz de um novo modo de ser, de interagir e de se relacionar com o outro. A essa nova discursividade, será dado o nome de cibercultura.

### **1.1 Cibercultura, ciberespaço e virtualidade**

Pensar o que vem a ser a cibercultura a partir do conceito de discurso, significa pressupor a relação tecnologia e cultura, uma vez que analisados isoladamente, poderia se reduzir o sentido de sua complexidade e da compreensão de como são significadas as novas formas de relação social passíveis de serem estabelecidas no ciberespaço.

Como se pode auferir do texto de Lemos (2004):

A cibercultura é fruto de novas formas de relação social. A vida social moderna foi concebida segundo imperativos da racionalidade administrativa e tecnocrática, cuja face emblemática é o que descreve como tecnocultura (p. 257).

Em complemento à definição, Rocha (2003) afirma que a cibercultura é a relação do sujeito num plano virtual e seu surgimento é demarcado pelo fluxo gradativo de pessoas que utilizam a rede, onde o usuário é simultaneamente manipulador da mensagem e até mesmo a própria mensagem.

Essa natureza anárquica suscita reflexão por parte daqueles que compreendem que determinada situação se consolida apenas a partir da adesão de um número cada vez maior de indivíduos envolvidos com as novas tecnologias de comunicação, o que por sua vez indicaria o nascimento da cibercultura, isto é, a relação social de sujeitos que se dá no plano virtual (p. 74).

No interior da cibercultura, pode-se observar o aparecimento de um novo conceito comunicativo e um novo modo de se conceber a subjetividade. Fenômenos essencialmente determinados por um novo tipo de espaço, o ciberespaço.

Faz-se necessário destacar que não há como se referir à cibercultura, sem mencionar o conceito de ciberespaço. Enquanto este se refere à infraestrutura, aos conteúdos, bem como, aos partícipes que sustentam esse espaço; aquela se

refere à prática do movimento contido no ciberespaço, juntamente com modos de proceder, conceitos, atitudes, apresentando-se como práticas discursivas.

Isto é, na vida virtual, como partícipes desse ciberespaço, indivíduos assumem o tempo todo papéis para cada situação que enfrentam, são filhos, pais, marido, esposa, irmão, alunos, professores, chefes, empregados, amigos, médicos, doentes,... E, para cada papel, expressam uma emoção, um sentimento, um comportamento, uma ação diferente, de acordo com a exigência do papel interpretado no momento. Relacionam-se com pessoas que também estão interpretando seus papéis de acordo com o meio, mesmo que sejam anônimas. Em certos momentos, mais de um papel é interpretado. Pode-se, inclusive, colocar máscaras para agir e comunicar com o outro, sem se dar conta do que a mistura de papéis e de máscaras pode produzir na comunicação e nos relacionamentos desejados.

Embora os comportamentos como os descritos acima ocorram também na presencialidade, neste trabalho, tem-se como pressuposto que na virtualidade este funcionamento se potencializa. E, uma vez que as possibilidades tecnológicas que viabilizam um encontro com o outro são infinitas, o dilema da identidade e das relações afetivas é colocado em outro patamar. Subvertidas as categorias de tempo e de espaço, as relações passam a ser estabelecidas sem a presença física dos sujeitos.

Considerado como um dos maiores teóricos responsáveis pela elaboração do conceito de cibercultura, Pierre Lévy (1999) pode ser concebido como um dos fundadores de tal discursividade.

Qualquer um terá a sua página, o seu mapa, o seu *site*, o seu ou os seus pontos de vista. Cada um se tornará autor, proprietário de uma parcela do ciberespaço. Entretanto, essas páginas, *sites* e mapas dialogam, interconectam-se e confluem através de canais móveis e labirínticos. O autor ou o proprietário coletivo toma corpo (LÉVY, 2000, p. 214).

Lévy (1999) destaca, mediante citação acima, a inserção na Sociedade em Rede como quase futura “obrigação” por parte dos indivíduos. A partir de tal discursividade, é possível pressupor que qualquer ser humano pode ter e manter no ciberespaço relações sociais com o maior número de pessoas. Tem-se, então, um

universo sem barreiras, amplo e ilimitado. O homem, finalmente, é capaz de ampliar espaço e tempo como ele nunca fez. Deste modo, quanto mais pessoas tiverem acesso ao ciberespaço, mais se desenvolverão novas formas de "sociabilidade". Através da interação entre os usuários, surgirão outros modelos de relações sociais nunca imaginados, como os *Weblogs* e o *Orkut*, por exemplo.

Outro aspecto, destacado por este autor, é o fato de que se o ciberespaço contribui para globalizar uma prática de consumismo - de produtos e de informações - isso não pode ser considerado como sinônimo de dominação, de poder, mas, ao contrário, essa característica básica desse novo meio de comunicação torna-o mais universal, e, porém, menos "totalizante". Ou seja, seu funcionamento é democrático por excelência, sendo anti-totalitário. Daí ser oposto à história do romance "1984", de George Orwell, cujo controle opressivo através de teletelas<sup>5</sup> revelava-se totalitário, pois impedia qualquer expressão contrária ao partido: "Dominavam de tal maneira a arquitetura circunjacente que do telhado da Mansão Vitória era possível avistar os quatro ao mesmo tempo. Eram as sedes dos quatro Ministérios que entre si dividiam todas as funções do governo" (ORWELL, 2005, p. 08). Uma invasão de privacidade com controle total dos indivíduos: "[...] governava fábricas fordistas, acampamentos militares e outras incontáveis prisões grandes e pequenas" (BAUMAN, 2004, p. 162).

Segundo Lévy (1999), esse fato demonstra que a cibercultura é herdeira da filosofia iluminista do século XVIII, pois incentiva o debate, a discussão crítica de situações opressoras e de desvios de conduta democrática por parte de grupos e pessoas.

Em sua discursividade, Lévy (1999) significa a cibercultura como "um universal sem totalidade", uma vez que nela o ciberespaço apresenta-se como algo dinâmico, confuso, transparente, sem objetividade e carrega consigo muitos sentidos: "[...] o ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por este mesmo fato, é também o sistema de caos" (LÉVY, 1999, p. 111). É uma universalidade desprovida de significado central, construída a partir do caos, e, como destaca o autor, a universalidade é uma busca permanente no ciberespaço.

---

<sup>5</sup> Um recurso tecnológico utilizado para espionar. Uma imensa tela, que, por trás, vigiava os indivíduos e mantinha um sistema político cuja coesão interna era obtida pela opressão, impedindo qualquer opinião oposta ao Partido: Grande Irmão – o Big Brother no original inglês.

Para Lévy (1999), o ciberespaço se opõe ao rádio e à televisão, meios orais, em que a informação é volátil, e que não permitem, ao contrário do primeiro, uma "real" reciprocidade entre seus participantes. Ou seja, o ciberespaço destrona a televisão e outros dispositivos comunicacionais, como rádio, telefone e outros, uma vez que, segundo ele, nestes não há uma real interatividade.

A comunicação por mundos virtuais é, portanto, em certo sentido, mais interativa que a comunicação telefônica, uma vez que implica, na mensagem, tanto a imagem da pessoa como a da situação, que são quase sempre aquilo que está em jogo na comunicação (LÉVY, 1999, p. 81).

Conforme Lévy (1999), entre as principais funções do ciberespaço, tem-se o acesso à distância e também à produção de simulações. No primeiro caso, o ciberespaço abrange a totalidade do mundo e age no sentido de expansão contínua a partir da interação entre pessoas, sem barreiras espaciais. No segundo caso, simula o real e parte para uma encenação. Esta encenação tem a ver, em certo sentido, com um processo teatral que sai do real para o virtual. Trabalha com imagens que podem ser detectadas pelos sentidos, a partir de técnicas específicas, que "enganam" sua percepção, dando a ilusão do real e produzindo um verdadeiro mergulho na virtualidade.

Discursividade que se permite pensar nos efeitos de sentidos produzidos pelo conceito de "realidade virtual", na medida em que esta pode ser produzida ou acessada por qualquer sujeito-internauta que pretenda vivenciar a experiência de uma outra "existência", construindo para si "identidades virtuais".

Sem se dar conta da complexidade que tal funcionamento pode vir a produzir nos sujeitos, para Lévy (1999, p. 67), "tais simulações podem servir para testar fenômenos ou situações em todas suas variações imagináveis". Isto com um objetivo definido: pensar no conjunto de consequências e implicações de uma hipótese, para entender e conhecer melhor objetos e sistemas complexos ou adentrar-se a um universo ficcional de maneira lúdica, como nos jogos de computador, aonde a imaginação vai ao limite dentro do espaço cibernético. Com efeito, um dos campos importantes do ciberespaço, sem dúvida, é aquele que referenda a chamada realidade virtual.

Ainda, para tal autor, a realidade virtual é significada como uma das consequências tecnológicas, na formulação de um novo parâmetro de acessibilidade ao imaginário. Os dispositivos informacionais virtuais podem simular espaços imaginários ou reais, regidos por leis distintas daquelas que regem o mundo físico. A realidade virtual que aí se produz permite simulações reais de procedimentos cirúrgicos, viagens espaciais, controle de trânsito, e, milhões de outras possibilidades, além de ser notável na produção de jogos de caráter interativo e um grande instrumento de prazer, principalmente no que se refere a relacionamentos sociais.

Também para Alava (2002, p. 45), “o ciberespaço constitui uma realidade virtual não-imersiva: realidade virtual, em primeiro lugar, pois permite a interatividade em tempo real, a exploração, a ação e a manipulação de representações”.

Conforme Lévy (1999, p. 73), “se quisermos manter um paralelo com o sentido filosófico, diríamos que a imagem é virtual na memória do computador e atual na tela”. Ou seja, sua descrição digital não é um depósito estável na memória do computador, mas calculada em tempo real por um programa, a partir de um modelo e de um fluxo de dados de entrada.

Observa-se, no texto de Lévy (1999), que “as imagens exibidas nas telas são calculadas em tempo real em função dos movimentos de cabeça do explorador, de forma que ele possa conhecer o modelo digital como se estivesse situado ‘dentro’ ou ‘do outro lado da tela’” (p. 71).

Ao contrário das fontes de informação usuais, como o material escrito, rádio, televisão; o ciberespaço apresenta uma simetria nova: cada receptor pode ser também um emissor. Este fato é revolucionário por demonstrar que o ciberespaço é um ambiente de comunicação em expansão contínua, mesmo com as mesmas fontes, pode-se interligar e acrescentar novos conhecimentos, novas informações, novos processos tecnológicos, inflando o ambiente cibernético de maneira infinita e cooperativa.

Por sua vez, nos *weblogs*, por exemplo, tal plataforma aloja um número cada vez mais intenso de sujeitos que a utilizam para diferentes funções, dentre elas relações comunicacionais bilaterais.

## 1.2 Tempo e espaço

Pensar a relação identidade e virtualidade implica considerar que de fato “com as redes interativas de computadores, vive-se uma alteração na própria vivência do espaço e do tempo como parâmetros da experiência social” (ROURE, 2008).

Conforme Castells (2005, p. 553), a cibercultura, cultura da virtualidade, concorre para a redefinição do tempo a partir de duas características: a simultaneidade que permite informação instantânea e acompanhamento em tempo real e a intemporalidade com tempos síncronos, sem começo, fim ou sequência. Características tais, que só são possíveis pelas novas tecnologias de comunicação.

O tempo intemporal pertence ao espaço de fluxos, ao passo que a disciplina tempo, o tempo biológico e a sequência socialmente determinada caracterizam os lugares em todo o mundo, estruturando e desestruturando materialmente nossas sociedades segmentadas (CASTELLS, 2005, p. 557).

E, se o mundo virtual conta com o tempo intemporal, também utiliza novos espaços e novas velocidades, sempre problematizando e reinventando o mundo, na medida em que esse espaço - de natureza cibernética - é fragmentário e sem definição. Nesse contexto, as relações se desprendem do espaço concreto e os signos comunicativos são colocados dentro de um espaço comum a todos. Cabe ao usuário captar a mensagem, não importando de onde ela venha. Conforme lembra Ensemble (2001): “A nova geografia é uma geografia virtual” (p. 11).

Para exemplificar, a informação circula livremente, livrando-se de todas as limitações de enraizamento no âmbito do mundo físico. Em outras palavras, a informação pertence a um espaço fluido, sutil, não material, porque ele é organizado através de configurações e acessa os sentidos humanos pela percepção de quem a recebe e não se dá fora do indivíduo.

Alava (2002) também afirma que o ciberespaço é resultado de uma operação de visualização e se apresenta como uma entidade desterritorializada. Isto é, não tem um “território” que o identifique como local físico. O virtual está em todo espaço cibernético e aquele que o explora é localizado unicamente pelo endereço, não pela sua presença.

Em relação a este aspecto, já há algum tempo, estudiosos de diferentes áreas têm argumentado que a noção de comunidade não precisa referir-se a um local físico pressupondo limites geográficos. “Em vez disso, afirmam que são as interações sociais e as relações de ajuda mútua que conferem identidade e definem uma comunidade, e não o espaço concreto no qual elas se desenvolvem” (TRAMONTANO, 2003, pp. 114, 115).

Perspectiva refutada por Haesbaert (2001), que substitui o conceito de desterritorialização por multiterritorialidade, por meio do qual procura ampliar o sentido de distância, superada pelo avanço tecnológico. Afirma, ainda, que o discurso da desterritorialização vem de autores que não pertencem à área da Geografia, sendo que, para o autor, o conceito de território não pode ser vislumbrado apenas em sua materialidade discursiva.

Hoje virou moda afirmar que vivemos numa era dominada pela desterritorialização, confundindo-se muitas vezes o desaparecimento dos territórios com o simples debilitamento da mediação espacial nas relações sociais (HAESBAERT, 2001, p. 116).

Para Haesbaert (2001), os limites do espaço, como foram destacados, não existem. Há um compartilhamento total de tudo e de todos os processos envolvidos, assim, é praticamente impossível distinguir-se o que vem do público, o que vem do privado. Além disso, também é difícil a distinção do que é individual e do que é coletivo, do que é próprio, do que é comum aos demais. Mas, acima de tudo, do que seja objetivo e do que seja subjetivo, pois os dois conceitos se entrelaçam e, em sentido geral, às vezes trocam de papel: o subjetivo vira objetivo e o objetivo torna-se subjetivo, sempre dependendo dos fatores envolvidos e dos atores partícipes do ciberespaço.

Em síntese, no ciberespaço não existe um espaço marcado, determinado, definido, exposto, objetivado, isto é, um território demonstrável. Também não ocorrem situações presenciais ou temporais, pontuais, mas um eterno desprendimento do momento e a busca de algo que pode se situar no presente, no passado e no futuro. Assim, como o espaço, o tempo também não é referência de ponto de partida ou de busca. É um “eterno desprendimento”.

A questão é que apesar desse “eterno desprendimento”, o que parece ficar sem resposta é que sem as referências das categorias de tempo e espaço, até então estabelecidas como parâmetros lógicos da existência humana, como fica a constituição do processo identitário de natureza virtual?

### **1.3 Identidade, identidades...**

Uma vez que os quadros de referência que moldavam a identidade do indivíduo moderno foram abalados, já há algum tempo a relação identidade e cultura vem intrigando autores das mais diversas áreas do conhecimento: Bauman (2005), Castells (2000), Hall (2005), Turkle (1997).

No livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, Hall (2005) afirma que “as sociedades modernas são (...) sociedades de mudança constante” (p. 14). E, nesse contexto, corrobora com a posição de Castells de que as identidades estão hoje sendo constantemente examinadas.

Considerando as profundas mudanças que vem sofrendo o mundo social, a fragmentação de valores e as novas concepções de homem e sociedade, Hall (2005) afirma ainda que, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio” (p. 07). Ao mesmo tempo, é possível observar um anseio generalizado em busca de identidade. “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo” (BAUMAN, 2005, p. 35). Daí as inúmeras “tentativas de encontrar ou criar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade” (BAUMAN, 2005, pp. 30, 31).

É por isso mesmo que, para Hall (2005), a chamada crise de identidade é “vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas” (p. 07).

É possível observar um discurso sobre as “novas identidades”, que parece fluir num espaço sem limitações de moral e de desejos e bem mais amplo do que somente aquele dos contextos sociais. Além disso, em circunstâncias que se realizam ao mesmo tempo, ou seja, elas apresentam um contínuo “jogo de deslocamento” (HALL, 2005, p. 20), com muitas consequências para a estrutura

psíquica e social do indivíduo, objetivando, muitas vezes, que o mesmo tenha sua vida desestruturada em função disso.

Conforme Turkle (1987),

a tecnologia muda a nossa natureza enquanto pessoas, muda as nossas relações e a percepção que temos de nós mesmos (...) tocam no cerne dos nossos problemas sociais mais complexos e irreconciliáveis: problemas de comunidade, identidade, governação, equidade e valores (p. 346).

É nessa perspectiva que, segundo Bauman (2005), o discurso de que “novas identidades” podem ser constituídas num mundo fluido, cheio de promessas e de experiências ainda não vivenciadas, “torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade” ( p. 35).

Problematizando a concepção de identidade, ele afirma ainda que, “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto” (p. 21). Argumenta que a identidade social que nos é imposta pelo sistema é muito frágil e não sobrevive à constante interação com o meio, pois foi uma criação a priori, e, pode ser absorvida, modelada, alterada por um grupo ou por um meio cultural.

Bauman (2005) toma o exemplo de sua Polônia antes da guerra, para argumentar que neste momento as pessoas se identificavam quase sempre com o espaço local de onde viviam. Nesse tempo, grande parte da população polonesa se considerava “do lugar” (p. 24), em contradição ao que esperava normalmente com “o Estado Polonês” (p. 23).

Mas, com o desenvolvimento do Estado moderno, com a revolução dos transportes, a identidade local passou a ser ligada a uma identidade nacional.

A identidade nacional foi desde o início um projeto, continuou sendo por muito tempo, uma noção agnóstica e um grito de guerra. Uma comunidade nacional coesa, sobrepondo-se ao agregado de indivíduos do Estado, estava destinada a permanecer perpetuamente – incompleta, mas eternamente precária – um projeto a exigir uma vigilância contínua, um esforço gigantesco e o emprego de boa dose de força, a fim de assegurar que a exigência fosse ouvida e obedecida (BAUMAN, 2005, p. 27).

O autor enfatiza que a identidade nacional, ao contrário da identidade social - local, sempre foi uma proposição imposta pelo Estado e uma obrigatoriedade a quem nele vive. E, não algo natural e percebido familiarmente como na identidade do “aqui e agora”, ou “do local”.

Assim, se a identidade social tem como pressuposto o espaço local situado em um determinado tempo, com o surgimento do ciberespaço tem-se uma identidade com dimensão universal, cujo funcionamento desconhece os limites advindos de um espaço geográfico ou de um tempo situado historicamente.

Ainda para este autor, devido à fragilidade da imposição de tipos de identidades socialmente aceitos, estão sendo cada vez menos aceitos, como é o caso do conceito de raça, nascimento, família, classe social..., diluídos e alterados em países mais avançados (BAUMAN, 2005, p. 30).

### **1.3.1 Identidade como um processo mutável**

Mas se a questão da identidade é “um tema de graves preocupações e agitadas controvérsias” (BAUMAN, 2005, p. 16), Manuel Castells (2000), em seu livro “O Poder da Identidade”, argumenta que identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais interrelacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados.

No livro “Identidade”, Bauman (2005) continua refletindo sobre tal problemática: “Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros ‘vivem juntos numa ligação absoluta’” (p. 17). Nesse caso, tem-se um micro universo social, com regras e costumes coletivos, que dá uma identidade ao partícipe. Entretanto, o mesmo autor ressalta que pertencer a uma determinada comunidade não dá uma identidade sólida ao sujeito, pois a própria comunidade pode mudar, aceitar outras ideias, agir em sentido oposto ao que foi seu mote inicial. Assim, apesar de tais comunidades produzirem no indivíduo com uma identidade própria daquele universo cultural definido, “[...] não tem a solidez de uma rocha”, e, portanto, “não se faz garantia por toda a vida...” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Se esse problema é comum na maioria dos grupos, ao se referir à identidade produzida no espaço cibernético, o autor afirma que a identidade pode significar também “um monte de problemas” (p. 18). Isso porque passa a ser determinada por características próprias do ciberespaço: múltipla, mutante, permeável e sem definição espacial.

### **1.3.2 Identidade virtual**

No que se refere ao fenômeno da identidade virtual, o grande problema se situa justamente em conceituar e definir o que vem a ser uma identidade, na qual características pessoais e físicas podem ser alteradas e publicizadas em imagens, no ciberespaço, ao sabor dos interesses, das condições ambientais e subjetivas vividas pelos participantes. Um indivíduo pode se apresentar das mais diversas formas sem o reconhecimento de sua história.

Além do mais, pensar o fenômeno da identidade na cibercultura implica considerar as redefinições já observadas anteriormente com a relação espaço-tempo. Afinal, o que pode ser definido como identidade virtual? Seria um novo modo de ser do indivíduo perante o outro, numa nova maneira de interagir perante o mundo e seus problemas? Seria poder simular situações imaginativas e novas além do cotidiano existencial? Forjar algo que não existe no indivíduo real? Uma “máscara” que se pode adotar em razão de um “eu ideal” que sempre imaginou e de uma estética que sempre almejou?

Ser indivíduo num ambiente virtual, ou seja, no ciberespaço, implica considerar novas características espaciais, sociais, instrumentais, e, acima de tudo, uma nova maneira de lidar com a identidade, pois a individualidade é obtida num espaço não relacionado a um fenômeno localizado e único, apreendendo diversas variáveis que permitem um formato uno, mas também “de todos”.

Para Bauman (2005), os grupos constituídos no ciberespaço “são eletronicamente mediados, frágeis, ‘totalidades virtuais’ em que é fácil entrar e ser abandonado” (p. 31). Além do mais, é difícil substituir as velhas proposições de uma identidade social, mesmo que frágeis, uma vez que estas se imprimem no contexto da personalidade e psiquismo do indivíduo. As comunidades virtuais são mais

frágeis na produção de uma identidade justamente por serem mutantes, solúveis e alteradas aos comandos do momento.

Para Hall (2005), no espaço cibernético, as personalidades estão sendo descentradas, ou descentralizadas ao sabor de impulso, de idiossincrasias pessoais e também de novas estruturas socioeconômicas que surgem em função da globalização. A constituição das identidades se dá norteadas, muitas vezes, pela busca da liberdade: sem raízes, modelos ou estereótipos, em permanente fluxo.

Ainda, segundo Hall (2005), um dos méritos do mundo virtual é, de certa maneira, revelar alguns aspectos da identidade que jazia no inconsciente do indivíduo, permitindo que ele, se possível, faça uma reflexão crítica a estes aspectos quando eles se tornarem destrutivos e contribuírem para sua instabilidade social.

O autor assinala que a busca de uma identidade socialmente aceita, e, que entre em sintonia com os desejos do indivíduo num mundo globalizado, em perpétuas mudanças e alterações significativas, é praticamente impossível e frustrante. Daí, que a tentativa de buscar relacionamentos grupais pode ser uma saída para seus desejos.

Se não é possível confiar na qualidade, quem sabe a salvação não está na quantidade? Se todo relacionamento é frágil, quem sabe os recursos de multiplicar e acumular relacionamentos não vai tornar o terreno menos traiçoeiro? Graças a Deus você pode acumulá-los – justamente porque eles são, todos eles, frágeis e descartáveis! E assim buscamos a salvação nas ‘redes’, cuja vantagem sobre os laços fortes e apertados é tornarem igualmente fácil conectar-se e desconectar-se (BAUMAN, 2005, pp. 75, 76).

Para Bauman (2005), o indivíduo em busca constante de sua identidade num mundo fluido e frágil encontra na quantidade um sentido global para si, surgindo a “fuga ao virtual”. Se algo der errado é desligar o computador, ou desconectar a fonte de contato. Num relacionamento “cara a cara”, isto se torna praticamente impossível, pois as ligações reais continuam.

No ciberespaço, conforme Turkle (1997), a sexualidade se apresenta no tocante a desejos e fantasias, fugindo de estereótipos impostos pelos meios sociais e pela norma legal, mesmo que essas expressões estejam em desacordo com as

estruturas legais vigentes. Nesse contexto, surgem personalidades agressivas, patéticas, abusadas, revoltadas e até anormais.

Os sonhos e os animais eram os objetos-cifra de Freud e de Darwin, os objetos-cifra do modernismo. Ao longo da última década, o computador tornou-se o objeto-cifra do pós-modernismo. O computador transporta-nos para além de nosso mundo de sonhos e animais, pois permite-nos contemplar uma vida mental que existe na ausência de corpos (TURKLE, 1997, p. 31).

Segundo a autora, sem a relação corpo a corpo, a identidade do mesmo se transforma, pois passa a ser uma identidade em sintonia não com o real, aquela que proveio de uma imposição ideológica, estrutural, legal e social, mas uma identidade fluida e ao desejo dos sonhos do usuário.

(...) é nos ecrãs dos computadores que projetamos as nossas próprias ficções, ficções essas de que somos simultaneamente produtores, realizadores e vedetas. Algumas dessas ficções são privadas, mas cada vez mais temos a possibilidade de nelas incluir outras pessoas. Os ecrãs dos computadores são os novos cenários as nossas fantasias, tanto eróticas como intelectuais (TURKLE, 1997, p. 37).

E, nessa concepção, evolui-se para novas formas de pensar e também de edificar como pessoas individuais, mas, agora também, como pessoas coletivas. Para Turkle (1997), os ecrãs dos computadores fazem com que o mundo seja visto, não unicamente de uma perspectiva linear, antropocêntrica, mas também, a partir de um novo espaço simbólico, o espaço virtual, onde a identidade se fragmenta.

Um ecrã de computador é um microcosmo na formação de uma “nova identidade” cultural para a humanidade, onde a forma é substituída pela figura em andamento, translúcida e também tênue, somente percebida pela mensagem.

Nesse contexto, a identidade, como uma fagulha, tem seus momentos de alta definição, mas, logo em sequência, esvai-se num patamar de descida como uma estrela em queda, tornando-se simplesmente mais uma imagem que passou, às vezes, cheia de sentimentos, amores, ódios, revoltas, agressividades, porém, diáfana e frágil. Na verdade, o estudo do fenômeno virtual, revela uma idéia

importante: certos aspectos da realidade não são acessíveis à experiência material, real.

A identidade, no espaço cibernético, a partir desse ponto de vista, tem mais a ver com o que “se gostaria de ser” do que propriamente com o “que se é”.

### 1.3.3 MUDs

Antes de se deter sobre a relação identidade e virtualidade nos *weblogs*, será apresentado o conceito de MUD, uma espécie de jogo que movimenta tais relações.

Os MUDs são um novo tipo de jogo, uma nova forma de comunidade. Cada pessoa, tida como um jogador, pode desempenhar um papel, seja semelhante ou diferente de sua identidade “real”. Assim, o corpo é estruturado de acordo com a descrição textual da própria pessoa. Para Rheingold (1996):

Os MUD são laboratórios vivos para o estudo dos primeiros impactos das comunidades virtuais – os impactos na nossa mente, nos nossos pensamentos e sentimentos como indivíduos. As tentativas de análise dos impactos secundários de fenômenos como os MUD nas relações e comunidades na vida real conduziram a questões fundamentais sobre os valores sociais numa época em que muitas das relações humanas são mediadas pela tecnologia de telecomunicações (p.184).

Já na definição de Turkle (1997),

Os MUDs tornam possível a criação duma identidade tão fluida e múltipla que desafia os limites do próprio conceito. Afinal de contas, a identidade refere-se a uma semelhança rigorosa entre duas qualidades, neste caso entre a pessoa e a sua máscara. Porém, nos MUDs, uma pessoa pode ser várias (p. 16).

Neste processo, o jogador pode dizer que é o personagem, assim como também negá-lo. Ou, então, adotar ambas as coisas ao mesmo tempo. Mas, no dizer de Turkle (1997), não se vê aí o fenômeno patológico de dupla identidade. Quem sofre disso enfrenta o problema de ter partes de si mesmo cortadas, cindidas, com a eliminação de certos aspectos. O sintoma da doença é a falta de comunicação entre os componentes do ser.

Para a autora, o MUD propõe ao sujeito, que vive sob pressão, viver no ciberespaço alguma coisa da ordem do espaço-jogo: uma chance de experimentação inexistente na vida real.

A identidade é a primeira coisa a criar num MUD, pode ser-se homem, mulher ou qualquer outra coisa à escolha, ou mesmo ter múltiplas identidades (RHEINGOLD, 1996, p. 186).

Mas Turkle (1997) não nega que existe uma “transmutação” entre a personalidade “real” do usuário e a personalidade “virtual” do usuário como participante do MUD. Para ela, há uma alternância de processos. “Este tipo de alternância entre os MUDs e a vida real é possibilitada pela existência daquelas áreas delimitadas no ecrã, vulgarmente chamadas janelas” (p. 17).

A vida real, no dizer da autora, é só mais uma janela, mas esta janela quando ao crivo do virtual, pode se expandir e apresentar uma melhor visão do indivíduo e de sua identidade real. Neste aspecto, são relevados novos atributos que virtualmente são colocados no indivíduo, mesmo sendo em forma virtual.

Segundo Turkle (1997), essas “personalidades” múltiplas construídas fazem um grande diferencial, pois cada uma representa um somatório de experiências que, normalmente, ficam escondidas no psiquismo. O ciberespaço permite que estas identidades reprimidas surjam de maneira completa e sem censura.

Conforme é possível perceber, o tipo de relacionamento que os usuários estabelecem com os MUDs tem elementos comuns com as interações estabelecidas em outras situações vivenciadas no ciberespaço. No relacionamento de caráter sexual entre dois pares, por exemplo, o que menos conta é a censura. Esta poderá ser imposta quando um dos pares se negar a continuar a comunicação. E, no ciberespaço, ao contrário do que ocorre com o mundo real, a interrupção pode ser imposta por um simples fechamento de tela. Além do mais, na cultura de relacionamentos virtuais, está o significado de que os mundos construídos são “governados por regras fluidas” (TURKLE, 1997).

Em oposição a Turkle (1997), Roure (2007) critica a ilusão de uma liberdade na Internet, cuja discursividade diz da possibilidade de uma satisfação e de um gozo pleno.

Acreditando-se livre para tudo desejar e tudo consumir, face a real dificuldade de estabelecer laços alteritários e de instituir relações de reciprocidade, homens e mulheres conectam-se à rede exploram o espaço cibernético em busca de um gozo pleno. Nesse espaço, desaparecem corporalmente para se tornar pura informação – objeto de uma descrição – cujo conteúdo e cujos interlocutores acredita poder controlar. Livre do corpo, constrói personagens e adota uma identidade fictícia, na maioria das vezes de natureza provisória. Os laços são estabelecidos a partir da lógica do instantâneo, pois face a uma demanda do outro sempre se poderá sair de cena, ou seja, desconectar-se. Nesse intervalo, ou de forma paralela, viverá ou construirá um outro personagem (ROURE, 2007, p. 17).

Processo que, segundo a autora, é perfeitamente compreensível “num mundo marcado pelo abandono da tradição e no qual o sentimento de pertença – que inclui a tradição – parece ter sido substituído por uma cultura globalizada que dá lugar a centralidade do ‘Eu’” (ROURE, 2007, p. 04).

Funcionamento que nos parece poder ser observado nas manifestações escritas apresentadas em alguns ambientes virtuais como, por exemplo, nos *weblogs* pessoais. Práticas discursivas em que o narcisismo<sup>6</sup> é evidente em cada postagem de textos ou imagens (SCHITTINE, 2004).

#### 1.4 *Weblogs*

Não é sem sentido o fato de que, para Amaral (2009, p. 165), “os *weblogs* ou *blogs* representam o coração da *web*”. Esse vivo e latente fenômeno tem intrigado, de maneira pulsante diversos estudiosos, principalmente em áreas como a linguística e a sociologia, por se tratar de algo que se da na Sociedade em Rede. Segundo Rocha (2003), os *blogs* promovem maior entrada de indivíduos no ciberespaço, “contribuindo para a expansão da sociabilidade em rede, a cibercultura” (p. 74).

Traduzidos por registros (*logs*) em redes (*web*), os primeiros *weblogs* surgiram a partir da criação da interface *Blogger*, como ambientes virtuais,

---

<sup>6</sup> Para Orlandi (1992), a relação que Narciso faz com sua imagem não enquanto “espelho”, mas como reflexo na “água”, reflete que a realidade é fluida, isto é, se projeta, pela idealidade, em outros sentidos.

considerados, até então, diários virtuais. Como o nome sofreu uma redução vocabular, hoje é conhecido simplesmente como *BLOG*.

Conforme notificado no livro, “*Weblogs: Diário de bordo*” (2004) de Elisabete Barbosa e António Granado:

Os primeiros weblogs surgiram em 1997 e eram compostos basicamente por comentários e ligações para outras páginas, consistindo num trabalho de pesquisa e selecção de informação realizado por um só autor. A organização do texto cronologicamente foi a resposta a uma necessidade: permitir ao visitante da página o acesso rápido à informação mais recente (p. 13).

A partir dessa afirmativa, há mais de uma década, qualquer pessoa interessada, mesmo sem conhecimentos de informática, pode criar um *blog*, comunicando-se com o mundo, contribuindo, assim, para as pessoas exprimirem-se na *web*.

Desde o lançamento do Blogger, em 1999, os blogs redesenharam a Web, dinamizaram a política, sacudiram a imprensa e deram voz a milhões de pessoas (PLATAFORMA BLOGGER).

De modo geral, o *blog*, pode ser considerado como um *site* de fácil utilização, onde se pode postar rapidamente o que se pensa, interagir com as pessoas e muito mais. Qualquer pessoa que tenha acesso à *web* e vontade de escrever pode criar e manter um *weblog*, ou vários *weblogs*, tanto pela facilidade que oferecem para a publicação, quanto pela agilidade de atualização de conteúdos *online*. Como não há a necessidade de conhecimento técnico ou linguagem de programação, a simplicidade de seu manuseio atraiu vários adeptos.

Em relação à utilização de tal ferramenta, a estatística dos últimos dois anos apresentada, indica uma crescente ampliação de *blogs*. No texto: “Technorati e Blogblogs – organizando a blogosfera” (2007), há a indicação de que:

De acordo com o Technorati existem 70 milhões de blogs ativos no mundo e surgem 175 mil por dia. Blogs crescem a cada dia por permitir que sem nenhum conhecimento técnico qualquer pessoa publique conteúdo na internet, com o passar do tempo diversos blogs

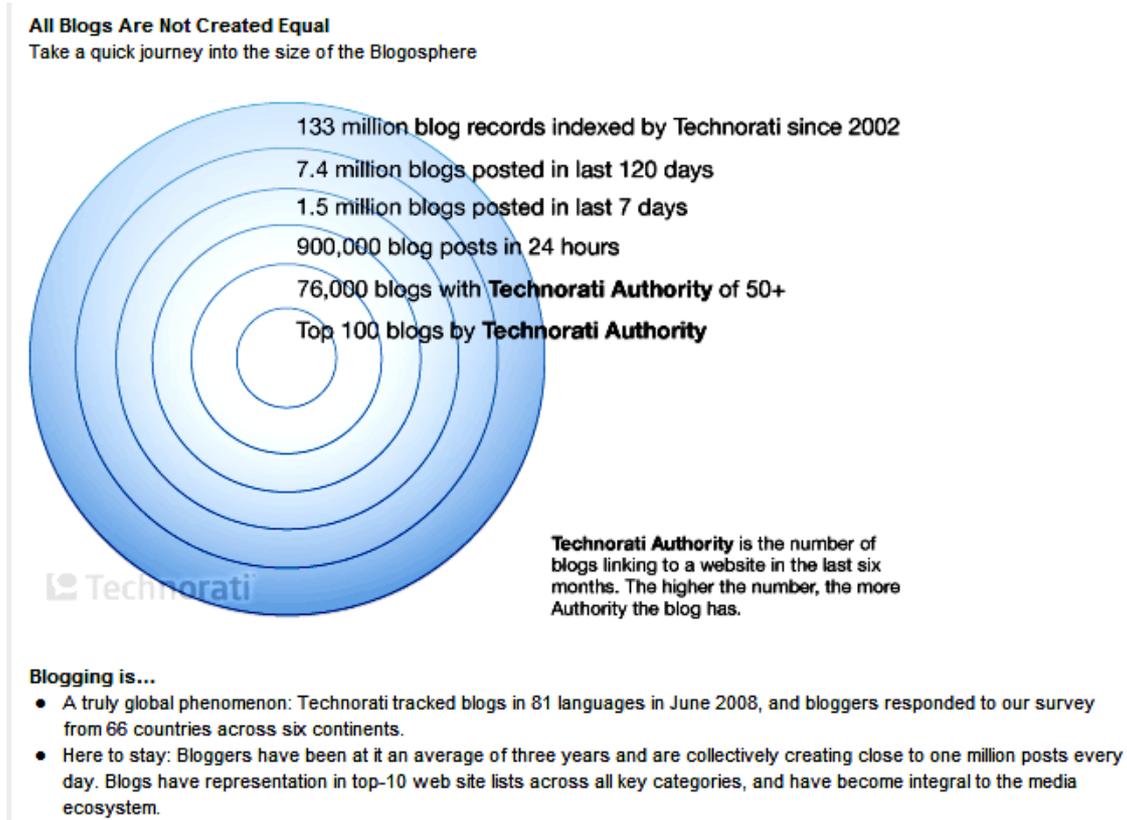
de opiniões bem elaboradas, artigos minuciosos e textos bem escritos ganharam audiência e criaram reputação através dos links recebidos em blogs, páginas pessoais, fóruns, wikis, reportagens e outras publicações online. (SOUZA, 2007)

Consoante um quadro estatístico geral da blogosfera em 2008<sup>7</sup>, pelo também *site* Technorati, há 133 milhões de *blogs* desde 2002. Estatística que engloba 66 países. Observa-se ainda que de 70 milhões em 2007 houve um acréscimo de 133 milhões em 2008, quase 100% a mais de *blogs* ativos. Conforme os dados apresentados pelo *site* Technorati, os *blogs* ganharam uma grande aceitação de autores que a adotaram para publicar seus textos na rede mundial de computadores.

Uma das características estruturais dos *weblogs* é uma organização cronologicamente inversa. Os *posts*, nome dado a cada conteúdo postado, vão se sucedendo do mais antigo para o mais recente.

Dentre suas funções, no discurso sobre os *weblogs*, está a possibilidade de se expressar livremente, sem censura. Denise Schittine, em seu livro, “*Blog*:

7



Comunicação e escrita íntima na internet” (2004) assinala que, “(...) as mulheres iranianas encontraram no *blog* uma maneira de evocar publicamente assuntos considerados tabus” (p. 24). Nessa direção, a Folha de S. Paulo, em publicação do dia 15 de fevereiro de 2009, ratifica tal afirmação: “Donos da segunda maior blogosfera do mundo, com 800 mil páginas e atrás apenas da China, iranianos driblam a censura religiosa”.

Os *weblogs* podem também ser coletivos ou individuais, mas os que prevalecem, sem dúvida, são os individuais. Domínios nos quais os conteúdos são definidos por seus autores.

Segundo Barbosa (2004), “a diversidade de *blogs* existentes é considerável” (p. 13), pois os *weblogs* são classificados mediante conteúdos, ocorrendo grande divergência quanto aos gêneros. Baseado no *site Webcétera – a internet além do discurso*, há a apresentação de seis tipos de *blogs*: Diário ou impressões – conhecidos como *weblogs* pessoais, não é exatamente uma dissecação, mas um relato das sensações causadas; Consultor ou especialista - com profundo interesse em alguma área, tentando explicar ou resolver dúvidas; Humor – com um linguajar satírico, tirando sarro de tudo e todos; Apontador – reunião de *links* e notícias que julga interessante; Jornalístico – com conteúdo original ou baseado em outros meios de comunicação e o Obcecado - um típico fã, diferente do especialista que usa o conhecimento para “construir”. Talvez a melhor classificação venha pelos gêneros mais usuais, como os jornalísticos, educacionais ou especialistas, humorísticos e pessoais. Vale ressaltar que, tal classificação não está “cristalizada”, pois muitos se entremeiam, havendo sempre um gênero prevalecente.

Outra característica dos *weblogs* é a potencialidade para uma possível interatividade (SCHITTINE, 2004). A interatividade vai se estabelecendo dentro de *weblogs*, pelos *links*, pela indicação de outros *weblogs* em uma lista à parte, pelos comentários nos *weblogs* alheios, etc.

Schittine (2004), tomada pelo discurso da cibercultura, afirma que:

Pela primeira vez o Outro é chamado também a participar e a perpetuar o conteúdo do escrito íntimo, o que faz com que a memória pessoal seja construída de maneira menos alienante, não só pelo monólogo do autor, mas pela contribuição alheia (p. 21).

Para a autora, pode-se declarar que os *weblogs* são mais interativos, e, por consequência, mais participativos. Cada publicação, geralmente, pode ser comentada e até indicada para outros, movimentando assim a blogosfera. Mas afinal, o que vem a ser a blogosfera?

Tem-se o ciberespaço para o ambiente virtual na *web* e tem-se a blogosfera para o ambiente virtual nos *weblogs*. A blogosfera está contida no ciberespaço. É uma rede de conjunto de *weblogs* que se interligam. Ao se referir a *weblogs*, refere-se conseqüentemente à blogosfera, ambiente que aloja tal fenômeno.

Os *weblogs* são caracterizados também como comunidades virtuais, na medida em que há um espaço virtual em comum. A permissão de comentários e a criação de *links* para outros *blogs* dão origem a uma comunidade que troca opiniões e faz comentários sobre idéias contidas noutros *weblogs*. Quando estas trocas perduram por certo tempo uma comunidade pode ser formada. Um *blogger* (blogueiro) só retornará a visita a um *weblog* se tiver se identificado com alguns aspectos ali abordados.

Quanto ao conceito de comunidade virtual, Rheingold destaca: “As comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço” (1996, p.18).

Hoje em dia sabe-se como as anteriores tecnologias da comunicação mudaram a vida das pessoas, tornando-se necessário compreender como e porquê tantas experiências sociais estão actualmente a evoluir em paralelo com as mais recentes tecnologias da comunicação. Nos últimos dez anos a minha observação directa do comportamento online em todo o mundo levou-me a concluir que, sempre que a tecnologia de CMC (Comunicações Mediadas por Computador) se torna acessível em qualquer lugar, as pessoas inevitavelmente constroem comunidades virtuais com ela, tal como os microorganismos inevitavelmente se constituem em colónias (RHEINGOLD, 1996, pp. 18, 19).

Os *weblogs* inicialmente serviam apenas como filtro de notícias, não sendo, portanto, um espaço de revelação da intimidade. No entanto, rapidamente os *weblogs*, como filtro de notícias, deram origem aos *weblogs* pessoais. Seu formato textual, marcado pela postagem de mensagens datadas e organizadas em ordem cronológica, cumpria a função de um verdadeiro diário postado na rede. Assim, para Rheingold (1996), cada vez um maior número de indivíduos passa a se utilizar da blogosfera para se apresentar, e, conforme Schittine (2004), dizer de seus sonhos, desejos e fantasias.

Isto posto, será que de fato os *weblogs*, enquanto comunidades, podem oferecer ao sujeito recursos a partir dos quais uma identidade seja sustentada? Será este o motivo primordial que leva cada vez mais um maior número de indivíduos deslocarem-se na blogosfera? E se o for, que tipo de discursividade rege sua escrita? Que sentidos e significações podem ser observados?

### 1.5 *Weblogs* e identidade

Que os *weblogs* trazem prazer para quem escreve isso não há dúvida, afinal, ninguém é obrigado a escrever. Conforme Lejeune (2008), “é fascinante transformar-se em palavras e frases e inverter a relação que se tem com a vida ao se auto-engendrar” (p. 264).

Mas seria isso um exibicionismo? Para Schittine (2004): “Não, provavelmente é mais um fruto do desenvolvimento do individualismo. Um individualismo quase narcísico que faz com que o diarista pense no outro como uma platéia para a sua vida” (p. 66). Em conformidade à Schittine (2004), Paz (2003) faz uma correlação dessa plataforma aos *reality shows*, onde “os *blogs* servem muito ao cultivo de individualismos exacerbados e à idolatria da ‘pessoa comum’”(p. 68).

Se na composição e manutenção de um *blog* o material postado se tornará público, é natural que se suponha a presença do outro como uma espécie de espectador oculto. Tem-se assim um desejo de compartilhar com o outro e atrair para si o seu olhar.

Os *weblogs* apresentam, em sua configuração, diferentes formatos e funções e estão em constante processo de (des)(re)construção. Os *layouts*, a escolha da interface, bem como tudo a que ela se refere, cor, *links*, complementos,

*gadgets*, etc., podem ser alterados tantas vezes quanto necessário, revelando uma característica do *self*, do “eu”, do seu autor, enquanto uma constituição em mudança.

Como a página pessoal está sempre “em construção”, esta pode ser constantemente atualizada, refletindo as últimas configurações do *self*? Ou seja, na medida em que um *weblog* pessoal é mutável, com constantes modificações, atualizações, reformulações, etc., a identidade do indivíduo que está sendo construída, pode também sofrer reconstruções?

A afirmação do escritor Hugh Miller: “Mostre-me seus *links* que eu direi quem você é” (AMARAL, 2009, p. 66) ajuda a pensar se os *weblogs* pessoais podem ser considerados espaços privilegiados para a confirmação, ou não, de um sentimento de existência, na medida em que dizem que podem trazer informação, formar laços sociais “frágeis” e construir identidades.

Para auxiliar a reflexão sobre a importância da visibilidade para o sujeito contemporâneo, Sodré (1994) em seu livro “A máquina de Narciso”, comenta a resposta de um jovem engraxate, questionado em saber o que gostaria de ver na televisão. O menino “desejaria ver a si mesmo enquanto indivíduo concreto” (p. 9). E se Sodré pensa a televisão como um “espelho eletrônico” (p. 9), neste trabalho, com uma correlação à compreensão de Sodré (1994) sobre a televisão, têm-se nos *weblogs* os “espelhos virtuais”, uma vez que projetado na tela, pode-se olhar a imagem virtual construída em cada formação discursiva.

Um relato de Cécile<sup>8</sup>, no livro “Um pacto autobiográfico” (2008) de Philippe Lejeune, faz-se uma alusão ao *notebook* com um espelho de bolso. Nessa perspectiva, um computador de mesa seria um espelho de parede.

A própria forma do *notebook* que se abre como um livro, com um espelho sobre o qual nos debruçamos, tinha para mim a eficiência de um diário (LEJEUNE, 2008, p. 321).

Vale ressaltar, porém, que os escritores procuram na tela sua “semelhança”, pois muitos buscam traços de identificações discursivas via postagens, sua imagem refletida em palavras, através de diversos relatos de

---

<sup>8</sup> Cécile refere-se a uma das 27 *bloggers* analisadas, via depoimento, por Philippe Lejeune.

perfis, gostos, manias, afinidades; enfim, pequenos detalhes que aproximam o autor de possíveis leitores.

Para finalizar, dada a importância que a temática da identidade adquire numa cultura da simulação, parece ser pertinente a tentativa de entender os mecanismos de afirmação das identidades utilizadas pelos *bloggers*. Isso porque, os dispositivos tecnológicos que os *weblogs* oferecem, parecem potencializar a construção de identidades e a busca de identificações.

## CAPÍTULO 2

### ANÁLISE DE DISCURSO

Pensar a constituição da identidade numa Sociedade em Rede significa reconhecer o quanto os sentidos e processos de significação produzidos pelo discurso da cibercultura são determinantes na produção dos mais diversos efeitos nos âmbitos sociais, culturais e psíquicos. Para refletir esse processo no ambiente virtual dos *weblogs*, será tomado como referencial teórico-metodológico a Análise de Discurso (AD) de origem francesa, por relacionar, língua, sujeito, história e sentido, uma vez que é por meio do discurso que se pode observar a relação da língua com a história e a ideologia.

Escolher esse referencial pode parecer impreciso, abrangente e confuso, até porque a expressão discurso pode ser tomada como qualquer produção linguística. Porém, neste capítulo, a AD se refere a uma disciplina, e, enquanto disciplina, apresenta o discurso como o lugar de contato da língua com a história. É por isso que, numa análise realizada nesta perspectiva, se ultrapassa os aspectos formais, considerando o contexto social, histórico e ideológico em que o discurso foi produzido.

Para se compreender o discurso, como objeto de investigação científica, sob aportes teóricos da AD de origem francesa, criada e fundamentada por Michel Pêcheux, é preciso romper as noções advindas do senso comum, como um encadeamento de palavras, ou uma sequência de frases segundo determinadas regras gramaticais, numa determinada ordem de modo a indicar ao outro que pretende comunicar/significar alguma coisa.

A instituição da AD, para Pêcheux, exige uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito (MUSSALIM, 2001, p. 105).

O discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda uma interpretação. Quando se pronuncia um discurso, age-se sobre o mundo, marca-se uma posição - ora selecionando sentidos, ora excluindo-os. É reconhecer a própria condição subjetiva do sujeito e suas conotações ideológicas.

Comparando o discurso a uma rede de pesca, assim como esta é estruturada por linhas e buracos, aquele apresenta o sentido e a falta. São os espaços vazios (a falha), que garantem o fato de que há incompletude no dizer, que é fechado.

A AD não trabalha com o sentido em si mesmo. Não se acredita num significado primeiro, original, localizado no significante. Há um grande equívoco em se acreditar que se possa encontrar na palavra alguma pureza de sentidos, uma vez que esses “não podem ser considerados universais, imutáveis, mas se encontram num processo de constante transformação, redefinição” (ROURE, 1996, p. 33). Daí a importância desta disciplina para se estudar o processo de constituição das identidades virtuais apresentadas pelo sujeito contemporâneo.

## **2.1 Filiações teóricas**

A AD reúne reflexões embasadas sob três balizas, que representam áreas do conhecimento distintas e ao mesmo tempo complementares: a Linguística, o Materialismo Dialético e a Psicanálise; todas as três atravessadas e articuladas por relações contraditórias. Segundo Orlandi (2001a), a AD “interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele” (p. 20).

Desse modo, a AD, concebida por Orlandi como disciplina de entremeio, trabalha com as relações de contradição que se estabelecem entre essas disciplinas, não tomando seus conceitos de modo literal, mas as interroga:

A interdisciplinaridade dá idéia de instrumentalização de uma disciplina pela outra (ainda que na bidirecionalidade). Não é o caso das disciplinas de entremeio como a análise de discurso. Não é na instrumentalização mas, como dissemos, em um campo de contradição que ela se forma, aproveitando, diria eu, a outra disciplina, ao revés (ORLANDI, 1996, p. 24).

A AD propõe uma forma de análise que não se esgota no conteúdo e, para tanto, recusa o conceito de literalidade e de transparência da linguagem.

A análise de conteúdo, como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? (ORLANDI, 2001a, p. 17).

Ou seja, ao contrário da análise de conteúdo, que se limita aos conteúdos dos textos, a AD vai além, pois considera as condições em que o texto foi produzido, procurando atravessá-los em direção às determinações histórico-sociais que os constitui.

Para esta autora: “Não partimos, como na análise de conteúdo, da exterioridade para o texto, ao contrário, procuramos conhecer esta exterioridade pela maneira como os sentidos se trabalham no texto, em sua discursividade.” (ORLANDI, 1996, p. 29). Dessa maneira, na AD, percebe-se a historicidade na discursividade do texto, nas expressões, nas proposições, etc. Apresenta uma compreensão da linguagem que não dimensiona sobremaneira a estrutura, mas, é concebida como lugar de acontecimento. Na verdade, trabalha-se com a articulação da estrutura e do acontecimento.

Assim, a escolha da AD para embasamento teórico de análise se dá, primordialmente, porque ela não se interessa pela linguagem como mera comunicação, mas como prática, ação que transforma e constitui identidades. Nesse sentido, conceber a cibercultura como discurso, significa considerar a potência de seus efeitos na constituição de sujeitos tomados pela crença de refazerem suas identidades.

E, se a afirmação de Bauman (2005), de que “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta” (p. 19) faz sentido, é porque, segundo a AD, o sujeito não é origem de seu dizer, mas atravessado por vários discursos. E, se o sujeito não é uno, mas é constituído de diversas formações discursivas, ele não ocupa uma posição central na formação do discurso, não é fonte do que diz e muito menos tem uma identidade fixa e estável.

## **2.2 Sujeito no(do) discurso**

A AD não tem como preocupação primordial categorizar ou classificar o discurso, mas sim apreender como se instauram os efeitos de sentido e os modos de funcionamento do discurso.

Nesse sentido, define Roure (1999):

A análise do discurso é constituída por uma teoria que objetiva a construção de um método que compreenda as determinações históricas em que os discursos são produzidos. Teoria na qual o sujeito, como ser histórico, não é fonte e nem tampouco origem dos sentidos que produz, mas formado por uma história dos sentidos determinantes na construção de sua identidade e subjetividade (p. 59).

A AD propõe ainda uma resignificação das noções de linguagem e sujeito, na medida em que toma como estruturante a relação da língua com a história e a ideologia. Desse modo, como já foi salientado anteriormente, passa-se a perceber a linguagem enquanto produção social, considerando-se a exterioridade como constitutiva. E esta, advinda de múltiplos fatores que influenciam o sujeito do discurso. Este, por sua vez, deixa de ser centro e origem do seu discurso para ser entendido como uma construção polifônica, lugar de significação historicamente constituído, ou seja, dentro de um contexto histórico-social.

Dentro dessa perspectiva, a linguagem é estruturada pelo sujeito e o outro. Entende-se que o discurso também não é algo abstrato de origem puramente subjetivo, mas é um produto de comunicação entre o falante e o ouvinte, situados historicamente. Dessa feita, torna-se impossível dizer do sujeito sem considerar a relação que trava com o outro.

Nesse sentido, o "eu" perde a sua centralidade, deixando de ser senhor de si, já que o "outro", o desconhecido, o inconsciente, passa a fazer parte de sua identidade. O sujeito é, então, um sujeito descentrado, que se define agora como sendo a relação entre o "eu" e o "outro". O sujeito é constitutivamente heterogêneo, da mesma forma como o discurso o é (MUSSALIM, 2001, p. 134).

Conforme é possível perceber, o sujeito do discurso encontra-se dividido entre o consciente e o inconsciente. Dessa maneira, nota-se que nem sempre o sujeito tem consciência daquilo que diz (ou do que é), mas que é levado, inconscientemente, a produzir um discurso de uma forma e não de outra.

### **2.3 Discurso, texto e sentido**

O discurso para a AD é, antes de tudo, um objeto sócio-histórico, efeito de sentidos entre locutores. O estudo do discurso toma a língua materializada em forma de texto, sendo esse tomado como um fato e não como um dado a ser analisado. A noção de discurso implica ainda considerar as condições histórico-sociais de produção que envolvem o discurso. As práticas de linguagem se dão em função da organização dos indivíduos dentro de um determinado contexto, regido por um certo imaginário social pleno de significações.

É por isso mesmo que, para Pêcheux (1988), “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (...) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (p. 160).

Assim, o estabelecimento de sentidos é crucial para a AD, pois a linguagem só é linguagem porque faz sentido, e, só faz sentido porque está inserida na história. Ou seja, a concepção de linguagem suposta pela AD traz indícios para que o analista entenda o discurso como prática social, marcada pelo entrecruzamento de língua e história.

Para Orlandi (1996), o discurso, assim como toda peça de linguagem, é objeto de interpretação. Para a AD é um processo crucial, sendo sua tarefa entender como ele produz sentido. “Quando se trata de discurso, não temos origem e não

temos unidade definitiva. Um texto é uma peça de linguagem de um processo discursivo muito mais abrangente” (ORLANDI, 1996, p. 61).

Assim, feita a análise, não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso. E, como já foi salientado anteriormente, a partir das reflexões de Orlandi (1996), o discurso é o lugar de contato entre linguagem e ideologia, é nele que se pode apreciar a constituição do efeito-sujeito. Nesse sentido, o discurso representa o pensar do falante a partir de sua intersecção social. Daí porque não se pode separar o modo como os sujeitos-internautas escolhem e se utilizam dos dispositivos tecnológicos presentes no ciberespaço dos processos de significação, apresentados por uma discursividade própria da cibercultura.

Partindo desse pressuposto, a AD considera como parte constitutiva do sentido as condições sociais de produção – o contexto histórico-social – a partir das quais o texto foi produzido. Se estas condições forem ignoradas, corre-se o risco de que o sentido do texto seja interpretado a partir do conteúdo apresentado. Desse modo, o contexto da enunciação constitui parte do sentido do discurso.

O enunciado, por sua vez, é entendido como unidade constitutiva do discurso que nunca se repete da mesma maneira, já que a sua função enunciativa muda de acordo com as condições de produção. Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.

Para Pêcheux (1997), todo enunciado, toda sequência de enunciados é linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a Análise de Discurso. É a partir dos enunciados, que se podem identificar as diferentes posições assumidas pelo sujeito no discurso.

Para a AD, o que está em questão não é o sujeito considerado como origem de si mesmo, mas sim o lugar, a posição ideológica a partir da qual ele enuncia. Os sentidos possíveis de um discurso, portanto, são sentidos demarcados, preestabelecidos pela própria identidade de cada uma das formações discursivas colocadas em relação no espaço interdiscursivo.

O sentido de uma formação discursiva depende da relação que ela estabelece com as formações discursivas no interior do espaço interdiscursivo. O

sentido, portanto, não é único, já que se dá num espaço de heterogeneidade. Evidentemente, não são quaisquer sentidos que são constituídos a partir de uma formação discursiva.

Tratar da construção dessa unidade (do discurso) e dessa identidade (do autor) é atingir o modo pelo qual o texto é atravessado por várias formações discursivas (ORLANDI, 1988, p. 57).

Observa-se, então, que os sentidos jamais são constituídos *a priori*, ou seja, eles não existem antes do discurso. O sentido vai se constituindo, na medida em que se constitui o próprio discurso.

## 2.4 Silenciamento e discurso

Inicialmente, é preciso deixar claro que o silêncio não fala, ele significa. Ao invés da palavra, ocorre a transferência, deslizamento de sentidos, produzindo outros efeitos.

Consoante Orlandi (2001b), há duas formas de silêncio. Silêncio fundador, que existe nas palavras, que significa o não-dito e a Política do Silêncio, subdividindo-se em Silêncio Constitutivo, onde “todo dizer apaga necessariamente outras palavras produzindo um silêncio sobre os outros sentidos” (p. 128); e, finalmente, o Silêncio Local, tratando-se do proibido em determinadas circunstâncias.

O não-dizer também é produtor de sentidos, ou seja, o silêncio é constituinte de significados, pois na base do silêncio há o imaginário, como uma espécie de não-dizer para dizer. Nesse estudo, “o silêncio é sentido contínuo, indistinto, horizonte possível da significação (ORLANDI, 1996, pp. 11, 12).

O silêncio funciona como uma fuga, uma espécie migração. É pelo silêncio que se compreende “a incompletude na base da interpretação, dos trajetos de sentidos, dos deslocamentos dos sujeitos, movimento contínuo entre a repetição e a diferença” (ORLANDI, 2001b, p. 131). Nessa direção, “o incompleto na linguagem é o lugar do possível, é condição do movimento dos sentidos e dos sujeitos” (ORLANDI, 1996, p. 71).

Segundo Orlandi, é possível se observar na Sociedade da Informação um “império do verbal” (ORLANDI, 1992, p.32) aliado ao “silêncio em palavras”, pelo qual “presenciamos uma tentativa desesperada do homem em marcar e demarcar com palavras o espaço vivido” (ROURE, 2003, p. 352). “Então, ao invés de pensar o silêncio como falta, podemos, ao contrário, pensar a linguagem como excesso” (ORLANDI, 1992, p. 33).

Desse modo, um dizer quantificado pode vir a se esvaziar de significação. A palavra como movimento circular, que se “desdobram indefinidamente em palavras (na maior parte das vezes, ecos do mesmo, sem sair do lugar)” (ORLANDI, 1992, p. 39). Tudo isso porque nas sociedades contemporâneas o apagamento do silenciar é manifestado pela ideologia da comunicação. “Isso se expressa pela urgência do dizer e pela multidão de linguagens a que estamos submetidos no cotidiano” (ORLANDI, 1992, p. 37). Funcionamento discursivo que se expressa no ciberespaço, e, de modo especial, na blogosfera.

## **2.5 Formação ideológica e formação discursiva**

A produção de sentidos e a relação com a ideologia adquirem materialidade no discurso, assim, ao se analisar a articulação da ideologia com o discurso, o analista tem de se reportar a dois conceitos tradicionais da AD, a saber, o conceito de formação ideológica e o de formação discursiva.

As formações discursivas representam, no discurso, as formações ideológicas e o sentido determinado ideologicamente. Então, as palavras mudam de sentido de acordo com a posição de quem as empregam. Ou seja, as palavras não têm um sentido nelas mesmas. Sendo assim, há uma relação recíproca entre ideologia e linguagem. A ideologia produz seus efeitos no discurso, materializando-se nele.

Formação discursiva é, enfim, o lugar de constituição do sentido e da identificação do sujeito. “É nela que todo sujeito se reconhece e aí está a condição do famoso consenso intersubjetivo em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade” (ORLANDI, 1988, p. 58).

O conceito de formação discursiva é utilizado pela AD para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Nesse sentido, pode-se dizer que uma formação discursiva é governada por uma formação ideológica.

A primeira reformulação do conceito de FD aparece em “Semântica e Discurso” e constitui um grande momento de mudança. Propondo uma teoria materialista do discurso (PÊCHEUX, 1988), acentua o fato de que sobre a base linguística que se desenvolvem os processos discursivos.

Ao mesmo tempo, todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classe fundada pela contradição.

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Nesse sentido, a formação ideológica tem como um de seus elementos uma ou várias formações discursivas. Retomando Pêcheux (1988), as formações discursivas inscritas em uma formação ideológica é que vão determinar o que pode ou deve ser dito. Conclui-se, então, que as formações discursivas representam as formações ideológicas que lhe correspondem.

Uma FD é definida a partir do interdiscurso e regula o que o sujeito pode ou não dizer. Entre formações discursivas distintas, podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança. Como uma FI coloca em relação necessariamente mais de uma força ideológica, uma formação discursiva sempre colocará em jogo mais de um discurso.

A heterogeneidade das FDs torna mais complexa a tarefa do analista de discurso, pois para Pêcheux, é na FD que os sentidos se constituem. “É preciso poder explicar o conjunto complexo, desigual e contraditório das formações discursivas em jogo numa situação dada, sob a dominação do conjunto das formações ideológicas, tal como a luta ideológica das classes determina” (PÊCHEUX, 1988, p. 254).

Enfim, existe numa FD sempre a presença do outro, e é essa presença que confere discurso o caráter de ser heterogêneo. Considerando que uma formação discursiva não pode ser compreendida como um bloco compacto e

fechado, mas definida a partir de uma incessante relação com o outro, afirmando, assim, o primado do interdiscurso sobre o discurso.

Os diversos discursos que atravessam uma FD não passam de componentes, ou seja, tais discursos não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso.

## 2.6 Interdiscurso e intradiscurso

Compreende-se interdiscurso, como o conjunto das formações discursivas que apontam para o que já foi dito, ou seja, o repetível. O interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro "já-dito". É a ligação com outros discursos, como um já-dito que se transforma pela história. Pode ser definido como memória discursiva, sendo todas as formulações feitas e já esquecidas que determinam os dizeres.

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. (...) Ou seja, é o que chamamos memória discursiva (ORLANDI, 2001a, p. 31).

Segundo Orlandi (2001a), o interdiscurso representa um eixo vertical, o eixo dos dizeres já ditos e esquecidos e o intradiscurso, um eixo horizontal, o eixo da formulação. Dessa maneira, a base do intradiscurso, sem dúvida, é o interdiscurso, uma vez que sempre haverá no discurso uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo, ou seja, entre a constituição do sentido e sua formulação.

Assim, há uma relação entre interdiscurso e formação discursiva. Quando o interdiscurso fornece os dizeres, há uma determinação daquilo que constitui uma formação discursiva em relação à outra.

As palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso, que por sua vez representam no discurso as formações ideológicas (ORLANDI, 2001a, p. 80).

O intradiscurso se baseia em todos os dizeres realizados anteriormente. É a relação entre a constituição do sentido e sua formulação, entre os dizeres anteriores e o que se está dizendo.

É a historicidade que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também que eles se transformem. Enfim, é a historicidade que permite que o uso parafrástico transforme os sentidos repetidos em novos sentidos.

## 2.7 Paráfrase e polissemia

O funcionamento da linguagem é feito através da relação contraditória entre a produtividade e a criatividade: a relação entre o “mesmo” e o “diferente”, entre a paráfrase e a polissemia. De modo geral, a paráfrase reitera sempre o “mesmo”, enquanto que a polissemia aponta para o “outro”. Dessa forma, tem-se o mesmo, marcado pela paráfrase, que é o retorno ao mesmo espaço dizível, e, o diferente, marcado pela polissemia, que é a possibilidade de um deslocamento de sentido. Embora seja uma relação contraditória, uma não vive sem a outra, cuja separação não é clara nem permanente.

E, é nessa tensão que se constitui o discurso. “A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (ORLANDI, 2001a, p. 36). É na articulação da paráfrase (interdiscurso) com a polissemia (intradiscurso) que os sujeitos e os sentidos traçam seus percursos, na relação com a história e com a língua.

A interpretação se faz, assim, entre a memória institucional (arquivo) e os efeitos da memória (interdiscurso). Se no âmbito da primeira a repetição congela a possibilidade de novos sentidos, no da segunda a repetição é a possibilidade mesma do sentido vir a ser outro. Situação em que paráfrase e polissemia se delimitam no movimento da contradição entre o mesmo e o diferente (ORLANDI, 1996, p. 68).

Enquanto a paráfrase significa retorno, ou permanência nos fatos da linguagem, a polissemia dissemina sentidos. É nesse jogo que se instaura o movimento de sentidos no dizer dos sujeitos. Isso prova que, o que vale não são as condições imediatas de produção, mas a incidência do interdiscurso, da memória. O

interdiscurso determina o que é relevante para o processo da significação, já determinada pelo trabalho da memória.

Em um discurso, embora haja repetição, o sujeito oferece condições de deslocamento de sentidos. Ou seja, o discurso tem legitimidade na polissemia, no simbólico, nessa fluidez, nesse deslocamento de sentidos. Mas não há discurso original, sempre há uma interpelação por outros discursos, mediante a capacidade do sujeito em ressignificar sentidos, permitindo sua diversidade.

Esta tensão básica, vista na perspectiva do discurso, é a que existe entre o texto e o contexto histórico-social: porque a linguagem é sócio-historicamente constituída, ela muda; pela mesma razão ela se mantém a mesma. Essa é a sua ambiguidade (ORLANDI, 1988, p. 20).

Nessa relação entre paráfrase e polissemia, o que funciona é o imaginário na constituição dos sentidos apresentado pelo sujeito. Por isso, é preciso se pensar no gesto de interpretação como lugares de contradição: a repetição, efeito do já-dito, e o deslocamento, efeito da historicidade. Nesse caso, os papéis da memória e da história são relevantes para o deslocamento dos sentidos. Afinal, “o dizer só faz sentido se a formulação se inscrever na ordem do repetível, no domínio do interdiscurso” (ORLANDI, 1996, p. 68). Logo, distinguir entre o mesmo e o diferente é fundamental na produção discursiva de sentidos.

## **2.8 Metáfora e metonímia**

Nos estudos de linguística, “o desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema pode levar a outro quer por similaridade, quer por contiguidade” (JAKOBSON, 1985, p. 55), conhecidos processos metafóricos e metonímicos.

A metáfora, para Jakobson (1985), pode ser definida como relação de similaridade por associação. Já, a metonímia é tida como relação de contiguidade. Dessa feita, pode-se estabelecer uma afirmativa de que, a paráfrase está para a metáfora, enquanto a polissemia, para a metonímia.

A similaridade nada mais é que um processo metafórico e a contiguidade, um processo metonímico, em que a estrutura bipolar da linguagem na fixação de um

desses polos com exclusão do outro, torna-se uma afasia. Essa discussão é “de uma significação e de um alcance primordiais para a compreensão do comportamento verbal e do comportamento humano em geral” (JAKOBSON, 1985, pp. 58, 59).

Mesmo por que, de acordo com Jakobson (1985), a competitividade entre esses dois procedimentos torna-se simbólico, tanto no subjetivo, quanto no social.

A metáfora utiliza uma palavra fora do seu sentido denotativo, real, por analogia, como uma comparação implícita, proporciona a identificação (pela similaridade). A metonímia, por sua vez, sustenta-se numa relação de proximidade, de substituição pela associação de significado, produzindo a relação de transferência (pela contiguidade).

Em termos do que se lê, a metonímia distingue-se da metáfora, porque enquanto esta se baseia numa intersecção de traços significativos, aquela se fundamenta em relações de inclusão.

Nos estudos literários, conforme análises provenientes de Jakobson (1985), é possível observar que o princípio de similaridade domina a poesia. Em oposição, a prosa gira em torno de relações de contiguidade. A partir dessas considerações, o estilo literário Romantismo está para a metáfora, enquanto o estilo Realismo está para a metonímia.

O sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora, realizadas em efeitos de substituição, paráfrases e formação de sinônimos. Isto é, o sentido de uma palavra só existe na relação com as outras palavras da mesma formação discursiva.

Ora, os sentidos só existem nas relações de metáfora dos quais certa formação discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões, proposições recebem seus sentidos das formações discursivas nas quais se inscrevem (ORLANDI, 1996, p. 21).

## 2.9 Posição Discursiva

O conceito de posição discursiva, apresentada pela teoria da AD, deve ser remetido à posição que o sujeito ocupa no discurso, sendo que esta pode não se relacionar diretamente com sua posição social.

As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 1988, p. 58).

É nesse prisma que importam, numa análise, os sentidos e os processos de significação apresentados no discurso. A constituição de uma posição discursiva a ser ocupada pelo sujeito deve ser remetida às formações imaginárias ideológicas que ele apresenta. Tanto o sujeito como o discurso resultam da interação social estabelecida com diferentes sujeitos, constituídos por diferentes discursividades.

## 2.10 Corpus Discursivo

O corpus nada mais é que o espaço discursivo da análise. A escolha, bem como a delimitação do corpus é um processo gradativo, caracterizado pela verticalidade.

Em termos do que se lê, Lagazzi (1988) parafraseando Orlandi, “mostramos que a Análise de Discurso não visa a exaustividade ‘horizontal’, em extensão, mas sim uma exaustividade ‘vertical’, em profundidade, considerada em relação aos objetivos do analista” (p. 60).

Na operacionalização da análise, a AD trabalha com a noção de recorte, sendo estes realizados durante a situação da interlocução, tendo em vista as suas condições de produção (ROURE, 1996, p. 42).

A partir dessas considerações, vale ressaltar que há determinadas condições para que o discurso se produza, tais como, a imagem que o sujeito faz ao enunciar seu discurso depende do lugar que o sujeito ocupa, o lugar que ocupa seu interlocutor, bem como, o próprio discurso que é enunciado.

No entanto, a imagem que o sujeito, ao enunciar seu discurso, faz da imagem de seu interlocutor é, do lugar que ocupa o sujeito do discurso, do lugar que ele (interlocutor) ocupa e do discurso enunciado.

Ou seja, o dizer é determinado pelo lugar que ocupa o sujeito no interior da formação ideológica à qual está submetido, porém as imagens que o sujeito constrói ao enunciar só se constituem no próprio processo discursivo.

Feitas tais observações, será nas condições de produção que se encontrará a possibilidade de análise das categorias relacionadas anteriormente.

Com o auxílio de marcas linguísticas, constituídas por construções sintáticas, elementos lexicais, morfológicos e fonológicos, há a possibilidade de explicar o funcionamento do discurso. Tudo isso, pela regularidade encontrada em tais discursos. “No entanto, deve-se ressaltar que a análise das marcas deverá se encontrar relacionada com as condições de produção da sequência discursiva em questão” (ROURE, 1996, p. 44).

Segundo a classificação de discurso proferida por Orlandi (2001a), há três tipos de discursos estabelecidos de acordo com o seu modo de funcionamento: o discurso “autoritário” apresenta uma polissemia contida, por isso é mais congelado e quase não desliza; o discurso “polêmico” apresenta uma polissemia controlada, assim traz a relação paráfrase e polissemia mais equilibrada e o discurso “lúdico” apresenta uma polissemia aberta em deslizamento contínuo.

A reversibilidade também pode ser considerada um dos critérios de distinção desses tipos de discurso, desses funcionamentos discursivos.

Um critério importante para o reconhecimento desses tipos é a reversibilidade, isto é, a troca de papéis entre locutor e ouvinte: o discurso autoritário procura estancar a reversibilidade, o lúdico vive dela e no polêmico a reversibilidade se dá sob condições (ORLANDI, 1987, p. 131).

Em suma, será pela relação dos interlocutores que a reversibilidade se dará, ligada à questão da polissemia.

## 2.11 Trabalho de interpretação

Parafrazeando Pêcheux (1969), Orlandi afirma que, “a interpretação é um gesto, um ato no nível simbólico” (ORLANDI, 1996, p. 18). Tal gesto só é possível porque há incompletude, pela relação com o silêncio.

O espaço da interpretação é o espaço do possível, da falha, do efeito metafórico, do equívoco, em suma: do trabalho da história e do significante, em outras palavras, do trabalho do sujeito (ORLANDI, 1996, p. 22).

No processo de interpretação, a análise de discurso não trabalha com dados, com evidências, mas com o processo de produção das mesmas. Conforme Orlandi (1996, p. 38), “para a análise de discurso, não existem dados enquanto tal, uma vez que eles resultam já de uma construção, de um gesto teórico. Aí entra a questão da interpretação”.

Isto é, a AD é vista como fato, não como um dado, entrelaçada com o político.

Redefinindo a relação do analista com o dado, com a interpretação, com o real, com a realidade, a noção de discurso promove confrontos teóricos que resultam na redefinição do político, do histórico, da ideologia, do social e do linguístico (ORLANDI, 1996, p. 44).

O que, em certo sentido, significa dizer que a noção de dado é ela própria um efeito ideológico, o qual a Análise de Discurso procura desconstruir explicitando seus modos de produção.

Para Orlandi (1996, p. 45), “interessa ao analista não a classificação, mas o funcionamento”, isso em relação à ordem. Nesse sentido, destaca-se uma diferença necessária entre ordem e organização, quando o estudo da língua reconhece a contribuição da noção de discurso. Parte-se, então, do princípio de que há um real na língua e um real na história.

Enfim, o analista trabalha com uma organização. Assim, para entender a ordem significativa, ele tem de considerar o que esta organização indica em relação ao real, seja na história, seja na língua.

Todavia, esta passagem da organização para a ordem não é automática e nem direta e se faz a partir de princípios teóricos fundamentais, como a dispersão, o da não evidência. Segundo Orlandi (1996), o ideal será trabalhar com gestos de interpretação.

Deste modo, a intenção com o próximo capítulo será realizar uma análise que apreenda alguns dos inúmeros sentidos e processo de significação sem objetivar a interpretação de um sentido último sobre a relação identidade e virtualidade apresentada nos *weblogs* pessoais.

## CAPÍTULO 3

### ANÁLISE DOS WEBLOGS PESSOAIS

Segundo se tem observado no decorrer do trabalho, a identidade está se tornando uma temática mais evidente. Bauman (2005) sustenta que, “com a globalização, a identidade se torna um assunto acalorado” (p. 54), em face às mudanças sócio-culturais.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado (HALL, 2005, p. 88).

Num quadro mais amplo e global, Bauman (2005) e Hall (2005) afirmam que, o contexto social tem sofrido impactos nas novas concepções de sociedade, valores, tradições e culturas, trazendo à tona a questão da identidade.

Com efeito, as NTICs têm provocado mudanças significativas na relação entre sujeitos, sociedade e cultura, pois, na Internet, há um considerável volume de dizeres disponibilizados na rede pelo computador, que parecem fluir num espaço sem limitações e em constantes deslocamentos. Isso porque, passa a ser determinada por características próprias da rede: sem definição espacial e totalmente mutante.

No livro “A vida no ecrã” de Sherry Turkle (1997), a autora discorre em torno do papel “que a tecnologia desempenha atualmente na criação de uma nova sensibilidade social e cultural” (p. 31), que, segundo ela, são relações que estão a mudar a forma de pensar e agir dessa nova sociedade informacional (CASTELLS, 2005).

Tendo em vista tais observações, tem-se como pressuposto que toda pesquisa que trate dos efeitos da globalização, do uso da Internet, enfim, da

cibercultura, deva se comprometer com o estudo da constituição identitária do sujeito contemporâneo na rede.

Convém ressaltar que, a análise se dará numa abordagem discursiva, em que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia (PÊCHEUX, 1988), um ser histórico afetado pelo imaginário e pelo inconsciente.

Quando se apropria da linguagem produzindo sentidos, o sujeito o faz não de forma individual, mas de forma social tendo em vista a sua interpelação pela ideologia (ROURE, 1996, p. 27).

Além disso, um discurso nunca se dá fora do contexto social, mas sempre em relação com a exterioridade, com as condições de produção.

### **3.1 Descrição do corpus discursivo**

Apesar de o ciberespaço obter uma diversidade de comunidades virtuais, esse estudo se limita a *weblogs*, em função de este dispositivo comparecer hoje como um fenômeno que coloca em questão a materialidade das relações de interação e interatividade presentes na rede, mas também, por serem páginas construídas a cada postagem pelos autores e cuja natureza dinâmica e instantânea torna possível pensar a questão da constituição de um processo identitário no ciberespaço.

Diferentemente dos *sites*, os *weblogs* apresentam, na blogosfera, outra discursividade. Enquanto os *sites*, em sua grande maioria, são extremamente formais e institucionais, os *weblogs* trazem uma informalidade, que auxilia na espontaneidade das postagens, apresentando uma discursividade carregada de traços identitários.

Pretende-se, a partir da observação e análise do corpus escolhido, apreender algumas das significações apresentadas pelos *bloggers*, tendo em vista um contexto sócio-histórico-cultural, que é a Sociedade em Rede, constituída pelo discurso da cibercultura. As análises procuram apreender os gestos de interpretação apresentados por estes sujeitos, associando o linguístico, o histórico e o ideológico. Vale lembrar que, para a AD:

Todo sujeito, ao dizer, produz o que chamo de gesto mínimo de interpretação que é a inscrição de seu dizer no interdiscurso (no dizível) para que ele faça sentido. Aí trabalha um efeito ideológico elementar que está no fato de que todo discurso se liga a um discurso outro, por sua ausência necessária (ORLANDI, 1996, p. 115).

Ou seja, o que estes sujeitos dizem pode ser compreendido também como gestos de interpretação, face ao discurso da cibercultura. Um discurso ideológico que potencializa no sujeito sentidos que o constituem e que o fazem crer na possibilidade de navegar em um espaço ilimitado, construir realidades virtuais e dar visibilidade a si mesmo.

Em relação à metodologia utilizada, a pesquisa se iniciou a partir de observações realizadas na blogosfera, escolhendo os *weblogs* pessoais, cujo funcionamento linguístico apontava para formações discursivas que afirmavam o uso desse dispositivo como recurso identitário. Após a primeira etapa da pesquisa<sup>9</sup>, foram selecionados quatro *weblogs* como corpus discursivo para análise e enviada a seus autores uma solicitação de consentimento<sup>10</sup>. Faz-se necessário destacar que a realização de tal procedimento na etapa seguinte a observação foi intencional, uma vez que a seleção final não tinha ainda sido realizada.

Após a qualificação, um único *weblog* foi sugerido para a análise. O *weblog* escolhido foi “Manu ao pé da letra”, cujo endereço eletrônico é: <http://blogdamanuca.blogspot.com>. Tal escolha teve como critério o compromisso da *blogger* com uma postagem regular e constante no dispositivo tecnológico.

Após muitas visitas *online*, os recortes foram selecionados a partir dos objetivos propostos pela pesquisa, ou seja, enunciados que pareciam dar materialidade a sentidos e processos de significação que apontavam para uma possível confirmação identitária.

---

<sup>9</sup> Observação descompromissada, visto que os *weblogs* são páginas abertas na rede para serem visualizados por quem quer que seja.

<sup>10</sup> TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 3.2 Convergências e divergências de gêneros

Pensar nos gêneros literários cujas narrativas podem ser caracterizadas como “escritos íntimos” (LEJEUNE, 2008), e, no particular interesse que os mesmos vêm suscitando, implica considerar o fenômeno do individualismo, tão evidente nas últimas décadas. Uma nova cultura, que particulariza indivíduos cada vez mais em meio a um processo dito de globalização.

Em relação ao aparecimento da autobiografia, é possível depreender uma íntima correlação entre o discurso liberal burguês, a produção deste gênero literário e o discurso da individualidade. Segundo Rodrigues (2007): “[...] a ascensão da burguesia como classe dominante, cujo individualismo e cuja concepção de pessoa encontram na autobiografia um dos meios adequados de manifestação” (p. 20). Ou seja, o sujeito burguês passa a descrever sua existência no discurso como forma de legitimar-se enquanto indivíduo.

A autobiografia manifesta-se, literariamente, nas diversas formas de narração em primeira pessoa, tais como: romances, confissões e diários íntimos, escritos estes, que afirmam o favorecimento da individualidade.

Segundo Rodrigues (2007), “uma das diferenças marcantes entre a autobiografia e o diário íntimo é a retrospectiva, pelo seu menor grau no diário, em virtude da mínima separação existente entre o vivido e o seu registro pela escrita. O diarista submete-se a uma espécie de calendário de anotações” (p. 117). Por isso, cada gênero apresenta um determinado funcionamento linguístico-discursivo.

E, se Massaud Moisés<sup>11</sup> (1974) concebe a autobiografia como “um relato objetivo e completo de uma existência, tendo ela própria como centro” (1974, p. 50), Rodrigues (2007) afirma que, “as regras internalizadas ou pragmáticas, da autobiografia dependem de fórmulas fixas, mediante as quais o narrador começa sua escrita se colocando no centro do ato discursivo, afirmando, assim, a sua identidade ou a negação dessa identidade, no curso da diegese” (p. 21). Desse modo, tanto Moisés (1974) quanto Rodrigues (2007) afirmam a centralidade discursiva do autor.

Em seu trabalho, “O pacto autobiográfico” (2008), Philippe Lejeune afirma que, a elasticidade do termo “autobiografia” permite sua utilização nos novos meios

---

<sup>11</sup> Crítico literário.

de comunicação, inclusive os virtuais (p. 222). Isso porque considera que o texto autobiográfico “pode ter funções (ligadas à situação de escrita e à destinação) e formas muito diferentes” (p. 224).

Lejeune (2008) também destaca diferenças e conformidades de características entre o diário íntimo no papel e o diário íntimo na *web* (*weblog*). Mas quais seriam, então, os aspectos que os aproximam e que os distanciam?

Para Lejeune (2008), esses gêneros supõem lógicas diferenciadas: o diário virtual apresenta não um leitor, mas vários leitores. Não é um ato privado, mas observado, escutado, visível, lido por um outro que modifica sua escrita. Conforme sua citação: “Se você está na *web*, cai em um espaço cuja lógica se opõe à do diário íntimo: a instantaneidade (ao invés do prazo), a comunicação (ao invés da reserva)” (LEJEUNE, 2008, p. 336).

Considerando suas condições de produção, os diários podem se diferenciar em relação a sua destinação, sendo que o diário íntimo tradicional é íntimo em seu conteúdo e em sua destinação, já o diário íntimo virtual é íntimo em seu conteúdo, mas público em sua destinação. Enquanto ambos trabalham com uma escrita cotidiana, indícios datados, no diário íntimo no papel não se obtém a pretensão de revelar-se a outrem, ou seja, trata-se de um discurso fechado sobre si. Nisso, há um enclausuramento do “eu” no discurso, o olhar do outro não é necessariamente requisitado.

De forma marcante, um dos depoimentos colhidos no livro “Um pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune (2008) traça um paralelo entre a escrita a mão e o computador:

A escrita a mão sempre nos deixa presos a nós mesmos: como é difícil se expressar, se ver por um prisma que ainda nos inclui! O computador, ao contrário, não nos inclui: é neutro, é o mesmo para todos. Consequentemente, ao menos para mim, ele facilita a tarefa de qualquer pessoa que tenta dolorosamente existir (p. 327).

Isto é, o sujeito entrevistado<sup>12</sup>, remete o computador a um certo conforto por não fornecer vestígios manuscritos. Para o autor, essa “impessoalidade da escrita pode ter, no caso do diário, uma função libertadora” (LEJEUNE, 2008, p.

---

<sup>12</sup> Sandra é uma das pessoas entrevistadas por Philippe Lejeune.

326). Nessa perspectiva abordada por Lejeune (2008), o computador é considerado como facilitador na “tentativa de existência”.

Vale ainda lembrar que, as posições físicas do sujeito mudam na escrita dos dois tipos de diário. Enquanto, no caderno, há uma postura de cabeça cabisbaixa, em declínio, em função da disposição do papel e da caneta. No computador, o sujeito se posiciona de cabeça erguida, frente à tela, numa relação de igualdade. Não mais de submissão, mas de suposta “liberdade”.

### 3.3 Análise

A análise será delineada pelas regularidades enunciativas apresentadas em marcas linguísticas, considerando as condições de produção que envolvem o discurso, para que não seja interpretado a partir de seu conteúdo. Não importa na análise o texto, mas o discurso, lugar de contato entre linguagem e ideologia.

A partir das marcas linguísticas que se sobressaem, configurando as pistas para a análise, é que começa a se delinear o caminho que levará o analista ao processo discursivo, possibilitando-lhe explicar o funcionamento do discurso (LAGAZZI, 1988, p. 61).

#### 3.3.1 A plataforma WordPress

Ao se pensar em ciberespaço, deve-se considerar, já de início, que fenômeno identitário ele pode vir a configurar e como a linguagem utilizada na rede, que não é um mero instrumento de comunicação, pode ajudar a compreendê-lo. A Análise de Discurso é a teoria que sabe trabalhar isto, ligando língua/sujeito/história, traz para a reflexão a interpelação do sujeito pela ideologia, as formações discursivas que o constituem e seus gestos de interpretação.

Propor como corpus da análise o texto de abertura da plataforma *WordPress*, implica conceber que os dizeres aí apresentados fornecem pistas que permitem pensar sobre significados e processos de significação que constituem e antecipam um certo modo de apropriação e utilização pelo sujeito-internauta neste dispositivo. Ou seja, o texto apresentado na entrada da plataforma já determina e formata as condições de produção da escrita do *weblog* pelo sujeito *blogger*.

Em relação ao que foi dito, observe o texto original, em inglês, apresentado na página principal de uma plataforma de criação de *weblogs* - *WordPress*:



Figura 01. Página inicial do WordPress em Inglês

Em relação à nomenclatura *WordPress*, esta é formada pela junção de dois vocábulos *Word* + *Press*, que traduzidos significam: palavra impressa. Ao se considerar uma análise etimológica, o substantivo “impresso” deriva de pressão, que sugere ao usuário, adepto à plataforma, um dispositivo que faz uso da escrita. Essa ênfase no uso da palavra pela via da (im)pressão, que seria a escrita digital, indica o modo como o *weblog* é apresentado ao internauta: uma ferramenta que demanda do sujeito se dizer pela escrita.

No que se refere ao texto que introduz a plataforma, é possível perceber um bloco enunciativo composto por quatro expressões, que apesar de se apresentarem de modo independente, sua junção permite concebê-lo como fazendo parte de uma formação discursiva própria à cibercultura. E será como bloco que estes enunciados serão analisados.

Tomando como lugar de análise o primeiro deles, a expressão “Express yourself”, cuja tradução é “Expresse seu próprio eu”, apresenta o verbo no modo imperativo, “Expresse...”. Em relação a este modo verbal, embora esteja ligado à ideia de “comando”, nem sempre ele é usado só para dar uma ordem. Quase sempre, a intenção, ao utilizar o imperativo, é estimular ou exortar alguém a cumprir a ação indicada pelo verbo. É a demanda de teor imperativo apresentada na plataforma em relação ao comportamento do sujeitointernauta, na condição de *blogger*, que permite pensar na posição em que o sujeitointernauta é instado a ocupar. Pois, para Orlandi (1987), o sujeito não se apropria da linguagem, num

movimento individual, mas numa “forma social de apropriação da linguagem” (1987, p. 110).

Mas uma visibilidade possível ao “seu próprio eu” só poderá ser materializada mediante a construção de um *blog* - *Start a blog* - proposta apresentada pela plataforma. O modo imperativo ainda é prevaiente, e, conforme o Dicionário de Filologia e Gramática, tal modo “expressa exclusivamente a vontade do falante em relação ao comportamento do ouvinte” (MATTOSO, 1964, p. 223).

Veja agora a terceira expressão que compõe a plataforma: *See our free features*. Em relação ao vocábulo *free*, caso ele seja interpretado de modo isolado, segundo o Collins Dicionário (2005), transmitirá a ideia de “Liberdade”, “Ousadia”, “Imunidade” e “Autonomia”, caso seja remetido ao conjunto da oração, deverá ser significado como referido à gratuidade, no caso, ficará: “Veja nossos recursos gratuitos”. Processos que, na perspectiva aqui apresentada, não se excluem, uma vez que é justamente a equívocidade produzida pelo entrecruzamento das duas possibilidades de significação que permite a tal expressão significar além da liberdade de se expressar o sentido da gratuidade.

É bom lembrar que, para Pêcheux:

(...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (1988, p. 160).

Além do mais, é possível apreender nesta mesma expressão *See our free features*, aqui concebida como parte do bloco discursivo analisado, *Express yourself / “Start a blog”*, e remetida a uma formação discursiva própria da blogosfera, efeitos de sentidos produzidos pelo discurso da cibercultura. Tem-se uma potencialização da expressividade do “eu”, possibilitada pelo uso de ferramentas apropriadas e da liberdade oferecida por uma tecnologia gratuita. É só: “*Sign up now*”.

Em relação a esta expressão, traduzida como “Cadastre-se agora”, além do reaparecimento da forma verbal no modo imperativo, há o advérbio temporal “now” que remete a uma instantaneidade e agilidade própria da Sociedade em Rede.

O enunciado da plataforma indica a possibilidade de uma publicização instantânea da vida e dos relatos do *blogger*.

Conforme é possível observar, o texto em inglês apresenta uma discursividade linguística apropriada e condizente com a criação de um *weblog* pessoal, que oferece ao *blogger* possibilidades de expressar e publicizar seu *self* pela via da escrita.

Observe agora sua tradução em português:



Figura 02. Página inicial do WordPress em Português

É bastante significativa a tradução da expressão “Express yourself” por “Mostre quem você é”, uma vez que a opção pela escolha na tradução pelo verbo “mostrar”, remete à formação discursiva que aponta para sentidos que dizem de uma possível publicização e visibilidade por aquele que faz uso de um *blog*.

Um outro diferencial pode ser observado na tradução deste bloco enunciativo. Enquanto, em inglês, numa mesma palavra “free” tem-se o sentido de livre ou gratuito, dependendo do contexto discursivo; em português, essas palavras - livre e gratuito - não são representadas por uma só, mas sim, dois significantes em dois significados. Essa diferença linguístico-cultural, decorrente de países que são estruturalmente bem distintos, produzirá no sujeitointernauta diferentes efeitos de significação. No Brasil, o termo gratuito parece significar muito mais os interesses da população que o termo liberdade, em função da realidade social. Daí a opção de tradução pela expressão: “Veja nossos recursos gratuitos”.

Em relação ao pronome na primeira pessoa do plural “nossos”, observa-se um “plural de modéstia”, que estilisticamente tem uma concordância ideológica, não gramatical. Sua utilização pretende fundir no outro sentimentos de simpatia e proximidade. Na expressão estudada: “Veja nossos recursos gratuitos”, tais recursos já sugerem um compartilhamento com o sujeitointernauta numa comunidade virtual.

Porém, para que isso aconteça, é necessário que, primeiramente, o sujeito faça a adesão à plataforma. Nesse estudo, tal funcionamento linguístico parece criar um efeito de um pensamento coletivo, suavizando o modo impositivo das afirmações.

Conforme é possível observar em todos os enunciados, verifica-se que a função da linguagem conativa ou apelativa, uma das seis funções da linguagem, cujo objetivo é influenciar o receptor com a intenção de convencê-lo de algo, está presente tanto no texto em inglês, quanto em português: seja na constância com que o modo imperativo dos verbos se apresenta no bloco; seja pelo plural de modéstia; seja pela noção de gratuidade, elementos estes, considerados necessários numa propaganda atrativa e persuasiva, envolvendo sutilmente o leitor à utilização da plataforma a dar visibilidade a si próprio, a dizer de si.

Dando continuidade à análise, veja a discursividade apresentada no portal da plataforma *Blogger* :



Figura 03. Página inicial do Blogger em Português

Nessa plataforma, tem-se o reaparecimento do modo imperativo no verbo “criar”, a ênfase da gratuidade, configurada na expressão “É grátis”, bem como, o princípio da instantaneidade na expressão “só leva um minuto”. Operações discursivas que corroboram com os significados transmitidos pelo portal anterior, de que esta ferramenta oferece dispositivos tecnológicos que potencializam e viabilizam a visibilidade em um espaço virtual – a blogosfera.

Discursividades, que através das evidências nelas construídas e pela sua inscrição em formações discursivas próprias da cibercultura convocam o sujeito-internauta a ocupar o seu lugar no ciberespaço, interpelando-o sob a modalidade de um “eu escrevente”. Lembre-se que o nome da primeira plataforma

analisada é *WordPress*, o que coloca em causa a importância da escrita neste dispositivo.

Feitas essas observações, infere-se que os *weblogs* podem ser entendidos como representações espaciais do *self*, lugares demarcados na blogosfera, onde o *blogger* pode vir a exercitar uma espécie de auto(re)conhecimento. Esse autorreconhecimento se dá pela via de uma autorretratação<sup>13</sup>. Momento em que o internauta narra, descreve e/ou informa sobre si.

### 3.3.2 Blog da Manu

Conforme afirmado anteriormente, no decorrer da pesquisa foram selecionados quatro *weblogs*, como corpus discursivo. Após a qualificação, por consenso da banca, um único *weblog* foi determinado para o estudo.

O *weblog* escolhido foi “Manu ao pé da letra”. Vale a pena lembrar que, a *blogger* estudada foi concebida, neste trabalho, como uma representante de uma discursividade própria desse momento histórico-social e não como um indivíduo de natureza singular.

Em relação ao título escolhido pela *blogger*: “Manu ao pé da letra”, é interessante observar que, a expressão “ao pé da letra”, por si só é significativa, na medida em que aponta para uma discursividade que se remete a uma possível “literalidade” da escrita. O que permite a *blogger* utilizar-se da linguagem como uma espécie de ferramenta para se “escrever” e “descrever” exatamente como acredita “ser”, ainda que este ser se apresente, muitas vezes, sob a forma de paradoxos.

---

<sup>13</sup> Não no sentido de desculpar-se ou retirar o que se disse, mas com o significado de fazer seu retrato, representar-se, revelar-se, enfim, mostrar-se.

Uma vez constituída por tal significação, a *blogger* tem no grande número de postagens<sup>14</sup> um modo de se poder “dizer” e “redizer”. Operações discursivas, a partir das quais é possível pensar num processo de busca, afirmação e delimitação identitária.

### 3.3.2.1. “Eu preciso voltar para o centro.”

Conforme foi visto anteriormente, para Hall (2005), “as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (p. 08). Entretanto, quanto mais o sujeito encontra-se perdido nesse processo, mais ele procura se reencontrar. É nesse contexto que, o discurso da virtualidade parece oferecer meios para uma reconstituição identitária, reforçando a possibilidade de um fortalecimento do “eu” em torno de uma “possível” singularidade, potencializada pela escrita e sua conseqüente visibilidade. Nesse caso, os *weblogs* parecem ser um dos expoentes de uma nova cultura, que apresenta a possibilidade de que tal reconstituição se estabeleça.

Veja a postagem a seguir:

---

<sup>14</sup> Número de postagens em cada mês. A ordem da lista refere-se à Janeiro de 2009 a Agosto de 2009. O número total corresponde 874 postagens, que dividido em número de dias representa 3.64 postagens, ou seja, mais de 3 postagens a cada dia desses referidos meses.

Agosto (74)
Julho (43)
Junho (115)
Maio (137)
Abril (132)
Março (141)
Fevereiro (62)
Janeiro (170)

### Eu preciso.

Eu preciso aprender mais de mim. Dos meus desejos. Dos meus sonhos.

Eu preciso priorizar os meus interesses. As minhas ideias. Os meus sentimentos.

Eu preciso enxergar melhor os fatos.

Eu preciso entender os meus pensamentos.

Eu preciso olhar mais para mim.

Eu preciso voltar para o centro.

Figura 04. Postagem do Weblog Pessoal: Manu ao pé da letra (17/04/2009)

Em relação ao funcionamento linguístico do texto, tem-se, de início, uma repetição do pronome pessoal da primeira pessoa do singular “eu” no princípio de cada oração.

Os efeitos de tal procedimento - que colocam o Eu em evidência - podem ser observados no decorrer de todo o texto, tanto no que se refere ao verbo “precisar”, descrito na primeira pessoa, quanto nas demais expressões iniciadas pelos pronomes possessivos: “meus desejos”, “meus sonhos”, “meus interesses”, “minhas ideias”, “meus sentimentos”, “meus pensamentos”. O que parece ser remetido à existência de uma espécie de “egotismo”, que segundo Lejeune (2008), é revelador dos efeitos de uma sociedade narcisista, na medida em que seus sujeitos utilizam-se das “escritas de si” para se fortalecer.

A figura de linguagem Anáfora está presente na repetição da expressão “Eu preciso” no princípio de cada verso. Como figura de sintaxe, a Anáfora é uma iteração, um recurso estilístico para dar mais realce ao pensamento, sendo que no caso específico dessa postagem, o realce parece se instituir na ênfase dada a uma centralidade do “eu”.

Essa centralidade é evidenciada em toda a postagem, culminando com as afirmações: “Eu preciso olhar mais para mim”; “Eu preciso voltar para o centro”. A autora manifesta a necessidade de se entender, se enxergar, se aprender e se olhar. Nesse sentido, o funcionamento circular apresentado pelo texto, parece se

assemelhar ao funcionamento que a autora realiza em torno de si mesma. Funcionamento que se reitera no decorrer das postagens.

Vale ainda destacar que em relação ao enunciado de base “Eu preciso”, que dá suporte ao restante do texto, este parece revelar a presença de uma formação discursiva de um sujeito angustiado que responde, ainda que de modo inconsciente, ao discurso social de uma individualidade a ser aperfeiçoada.

Isso porque, para a AD:

O sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual. A forma dessa apropriação é social. Nela está refletido o modo como o sujeito o fez, ou seja, sua interpelação pela ideologia. O sujeito que produz linguagem também está produzindo nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando, na realidade, retoma sentidos preexistentes (ORLANDI, 1988, p. 19).

Dito de outra maneira, se para a AD, um discurso não resulta da vontade de um sujeito uno, centralizado, mas é tecido a partir de outros discursos, que lhe constituem e determinam seu dizer, como conceber tal discursividade se não remetê-la a um discurso histórico-social que diz e reafirma a importância da identidade. Tema tratado na primeira parte do trabalho.

Ainda em relação à postagem apresentada acima, viu-se uma discursividade a partir da qual a autora realiza afirmações sobre si. Contudo, vale destacar que neste funcionamento não há retrospectão, como modalidade discursiva, e cuja característica está na produção de um recuo ao passado sob a forma de reminiscências. Em contrapartida, a postagem analisada aduz um funcionamento discursivo que permite pensar na observação de Rodrigues (2007), de que os diários funcionariam como simples “calendário de anotações”.

### **3.3.2.2. “Eu gosto de unhas vermelhas e saltos altos.”**

Durante o processo de análise e interpretação das marcas discursivas apresentadas neste *blog*, postagens carregadas de autorreferência, apresentavam uma verdadeira dissecação minuciosa do sujeito sobre suas próprias características:

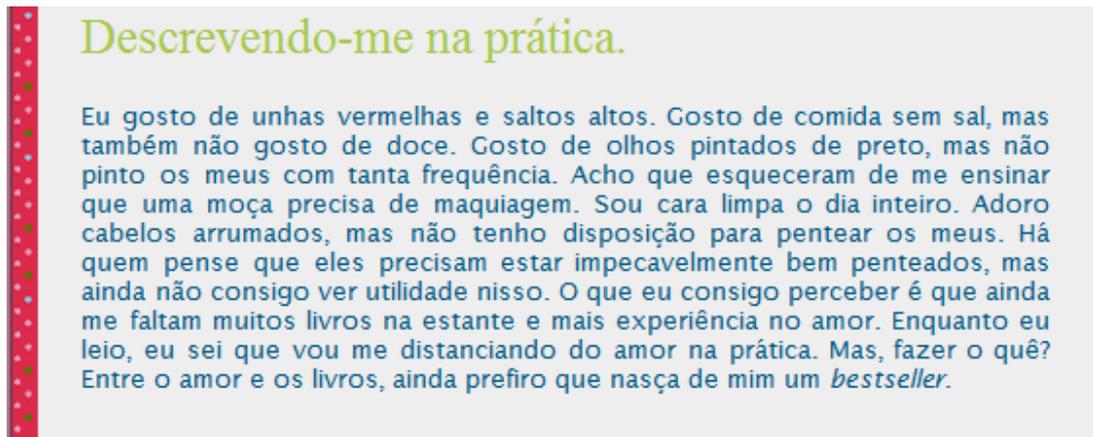


Figura 05. Postagem no Weblog Pessoal: Manu ao pé da letra (22/03/2009)

Como é possível apreender, neste recorte, a autora também se centra na imagem de si por meio de autoafirmações, descrevendo uma possível identidade, formada por efeitos de sentidos (in)coerentes em torno de uma possível singularidade. Não há retrospectão, mas informações sobre si em formas de auto-descrições: “Eu gosto de...” “Gosto de...” “Adoro...”.

Para se pensar sobre esta forma de comunicação que é a informação, e de como este gênero parece ter influenciado as denominadas “escritas do eu”, será tomado como referência a reflexão de Walter Benjamin, no texto “O narrador” (1996). Segundo este autor, na sociedade moderna, a comunicabilidade da experiência entre os homens já não se dá pela narrativa, mas sim pela informação. Neste gênero, interessa transmitir o “puro em si” (BENJAMIN, 1996, p. 205) como um relatório, cuja aspiração é uma verificação imediata.

Ao se considerar as devidas diferenças, assim como Castells (2005), Benjamin (1996) assegura que esse processo do despontar da informação está relacionado “com toda uma evolução secular das forças produtivas” (BENJAMIN, 1996, p. 201).

Cabe destacar que a informação e a narrativa apresentam funcionamentos discursivos diferentes, pois a narrativa requer mais tempo, são sequências de ações interligadas, acontecimentos encadeados, enfim, é a retomada histórica por aquele que narra, implicando o outro a quem se narra. Outro aspecto que vale a pena ser mencionado, é que a informação, numa discursividade

apresentada na cibercultura, é ressignificada e potencializada a partir das características da rede: rapidez e dinamicidade presentes no ciberespaço.

Desse modo, mesmo que os *weblogs* pessoais sejam incentivadores ou promotores de “escritas do eu”, processo potencializado pelas características do dispositivo - fluidez, agilidade, flexibilidade e atualização constante -, caso se apresente uma discursividade com forte modalização informacional, como ficaria para o sujeito *blogger* a reelaboração de sua própria existência?

Ainda no texto “Descrevendo-me na prática”, por cinco vezes a autora faz uso do conectivo “mas”. Uma conjunção adversativa necessária na construção de paradoxos, a partir dos quais a *blogger* descreve pontos dispersos de seus processos de identificação, que parecem se cruzar e se afastar no movimento da constituição de sua identidade.

No próximo recorte, a autora apresenta a mesma estratégia estilística com a utilização de paradoxos. Veja o texto:

### Entre você e eu, eu.

Eu sei escrever os discursos mais lindos, mas não sei dar a melhor cantada. Eu carrego em mim a linguagem perfeita do amor, mas me falta experiência de saber amar. Eu sei falar as melhores poesias, mas falta poesia para me apaixonar. Eu sei todas as técnicas para conquistar um homem, mas me falta jogo de cintura para conquistá-los.

Figura 06: Postagem no Weblog Pessoal: Manu ao pé da letra (31/03/2009)

Considerando tal procedimento discursivo, pode-se supor a presença de um “eu” dividido entre o que sabe as coisas do amor - “Eu sei...” - e aquilo que lhe falta - “experiência, poesia, jogo de cintura” -, impedindo-o, assim, de fazer uso de tal conhecimento. Entretanto, vale a pena retomar o título da postagem “Entre você e eu, eu”, em que a opção pelo “eu”, faz ser reconsiderado o peso de um “eu dividido”.

### 3.3.2.3. “Eu sou a que sou.”

Deleuze (2004), no livro *Conversações*, no capítulo “Um retrato de Foucault”, afirma que para Foucault “uma arte de si mesmo (...) seria totalmente o contrário de si mesmo...” (p. 143). Se tal reflexão for tomada para se pensar na arte da escrita, poderia-se supor que, quanto mais informações se apresenta ao outro, menos o sujeito se diz.

Observe agora o seguinte recorte:

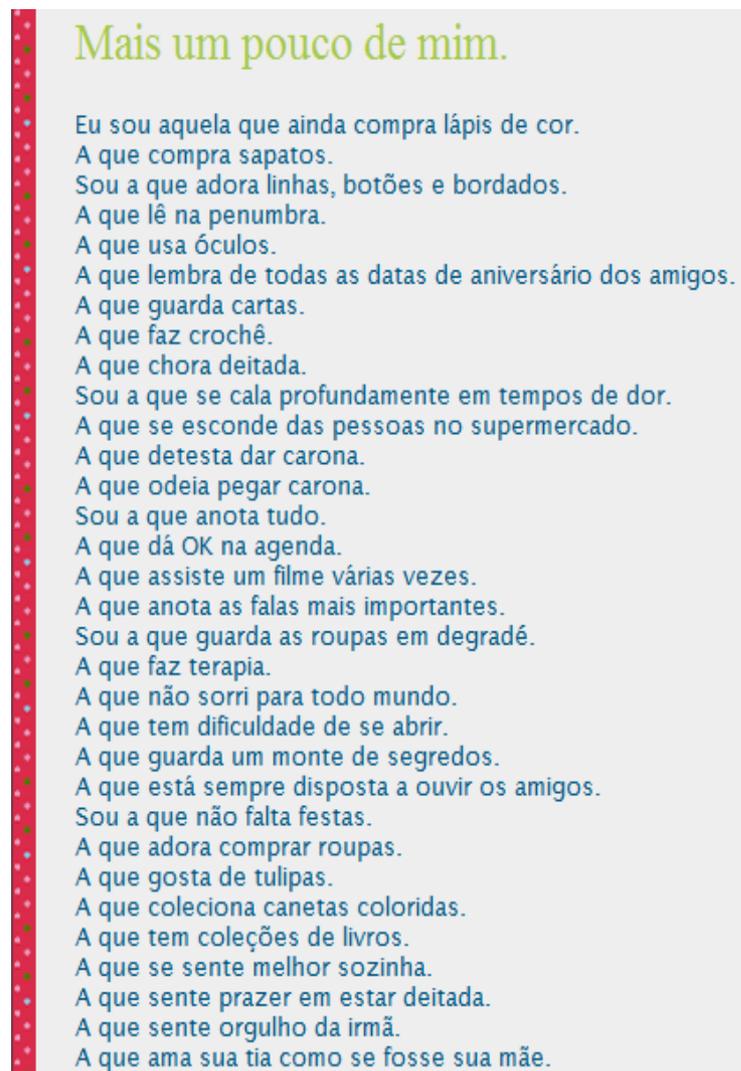


Figura 07: Postagem no Weblog Pessoal: Manu ao pé da letra (08/06/2008)

Também, nesta postagem, se pode observar o uso da Anáfora, como um procedimento linguístico-discursivo, a partir do qual o pensamento do autor é

“repetidamente” reafirmado. De modo geral, o texto é composto por três expressões que estruturam e dão articulação ao texto: “Eu sou...”; “A que...”; “Sou...”. Uma vez tomadas como uma única oração: “Eu sou a que sou”, esta expressão parece funcionar como um enunciado de base, a partir do qual é possível observar a existência de um processo circular autoafirmativo, revelador de uma formação imaginária, que dá centralidade ao “eu” e que pode funcionar como autoneomeação. Em relação a esse aspecto, vale indagar: Sobre qual sujeito se dirige tal nomeação? Será ela dirigida aos usuários da blogosfera ou à própria autora em busca de uma confirmação identitária?

Em relação ao funcionamento linguístico apresentado, há Períodos Compostos, em que as expressões “Eu sou...” e “Sou...” são designadas pela Gramática Tradicional como Orações Principais, cuja terminação é um verbo de ligação “ser”. Como complemento dessas orações, resulta a expressão “A que...”, que se repete no decorrer do texto, concebida como Oração Subordinada Substantiva Predicativa. Tal oração apresenta-se como uma caracterização, uma adjetivação, ou seja, um predicativo. Estratégias discursivas estas, que funcionam, convocando o sujeito a se apresentar pela via da descrição. O que reafirma a presença de uma formação discursiva de natureza informacional, sem o uso da retrospecção.

Todavia, se para a AD, uma das condições de produção do discurso remete-se às estratégias discursivas utilizadas, ainda que de modo inconsciente, pelo sujeito/autor, que escreve aquilo que pode ser dito, tendo em vista seus possíveis leitores: A quem se dirige esta *blogger* e que estratégias discursivas ela pressupõe?

#### **3.3.2.4. “As minhas duas faces.”**

Nos recortes anteriores, examina-se, por mais de uma vez, que a *blogger* se utiliza de operações discursivas determinadas pelo mecanismo da repetição sob o efeito da Anáfora. No recorte seguinte, também, pode-se observar o mecanismo discursivo da repetição nas expressões: “A que escreve” e “A que fala”, agora agregado ao uso de paradoxos semânticos, que tecem oposições em todo o

contexto enunciativo. Um recurso estilístico que permitiria pensar num movimento polissêmico da linguagem, na medida em que enfatiza a oposição de ideias.

### **As minhas duas faces.**

Talvez haja mesmo diferença entre a Manu que escreve e a da vida real [observação da minha amiga Bia].

A que escreve é mais doce. Mais emotiva. Mais poética.

A que fala se mostra sempre mais dura. Menos sorridente. Mais taciturna.

A que escreve se emociona muito. A que fala só se emociona quando erra.

A que escreve é mais cuidadosa com as palavras. A que fala é totalmente descuidada.

A que escreve é, na maioria das vezes, calma. A que fala é, sempre, rebelde.

A que escreve, agrada. A que fala, de vez em quando, desagrada.

A que escreve, homenageia. A que fala, muitas vezes, chantageia.

A que escreve sabe exatamente o que sente. A que fala dificilmente consegue se expressar na sua essência.

A que escreve, fala. A que fala precisa escrever para ser entendida.

É que metade de mim se domina, a outra metade não.

Mas, as duas cabem em mim perfeitamente.

E eu acredito que quem me conhece é inteiramente capaz de perceber que, no fundo, uma é a verdade da outra.

\*\*\*

Figura 08. Postagem no Weblog Pessoal: Manu ao pé da letra (04/09/2009)

O efeito circular produzido pela repetição é tratado, metaforicamente, por Orlandi (1992), como “eco do mesmo”. Situações em que o sujeito movimenta-se entre o que “diz” e “rediz”, sem sair do lugar. Do ponto de vista teórico-metodológico da AD, quando se utiliza da repetição, é possível supor um funcionamento circular marcado pelo uso da paráfrase, concebida como tendência de se retornar ao mesmo. Esse movimento acaba por compor um funcionamento discursivo “que procura estancar a reversibilidade” (ORLANDI, 1987, p. 29).

Segundo Orlandi (1987), essa operação discursiva pode ser observada em discursos de natureza autoritária. Para esta autora, o discurso autoritário procura

conter a polissemia e é sustentado pela paráfrase, na “permanência do sentido único ainda que nas diferentes formas” (p. 155). Desse modo, pode-se dizer de muitas coisas sem sair do mesmo.

Numa perspectiva que se parece próxima a de Eni Orlandi (1987), Dominique Maingueneau (1997, p. 96) destaca:

A parafraseagem aparece em AD como uma tentativa para controlar em pontos nevrálgicos a polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso. Fingindo dizer diferentemente a ‘mesma coisa’ para restituir uma equivalência preexistente, a paráfrase abre, na realidade, o bem-estar que pretende absorver, ela define uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva.

Um outro aspecto a ser salientado em relação ao discurso autoritário é de que ainda que nesse discurso a reversibilidade seja aparentemente nula, “há uma necessidade de se manter o desejo de torná-lo reversível” (ORLANDI, 1987, p. 240), para que não se rompa a relação, o contato. Tem-se por parte do sujeito que enuncia a ilusão de reversibilidade. “E essa ilusão tem várias formas nas diferentes manifestações do discurso autoritário” (ORLANDI, 1987, p. 240).

Veja, por exemplo, seu funcionamento monossêmico:

Com a questão da reversibilidade está necessariamente ligada à questão da polissemia, ao falarmos na ilusão da reversibilidade, estaremos também falando nas condições de significação do discurso autoritário, ou seja, no seu caráter tendencialmente monossêmico, ou sua pretendida monossemia (ORLANDI, 1987, p. 240).

A ilusão de reversibilidade se dá nos *weblogs* pela ilusão de interação total, sendo que os comentários só são aceitos e posteriormente publicados, em grande parte, mediante aprovação do autor, como também, a possível forma do autor restringir acesso às postagens por meio da liberação de convites.

Visto nesta perspectiva, o bloqueio ao acesso ao *weblog* é a confirmação dessa ilusão da reversibilidade.

Com efeito, um discurso autoritário o é pelo seu funcionamento. Pouco importa as intenções de seu locutor. É uma questão linguístico-histórico-ideológica.

Nesse aspecto, o discurso “autoritário” foi prevaiente nesse corpus discursivo, numa paráfrase mais evidenciada, controlando a polissemia. Um determinado congelamento na linguagem, pelo “falar do mesmo”, com pouco deslizamento e mais estabilização. O que não significa dizer que em outros momentos a *blogger* não apresente outro funcionamento discursivo, com a presença de outras tipologias discursivas.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como foco primordial analisar alguns dos sentidos e processo de significação apresentados na Sociedade em Rede, particularmente, no ambiente virtual da blogosfera. Para isso, foi utilizado como referencial teórico-metodológico a Análise de Discurso de origem francesa.

Conforme salientado no trabalho, os *weblogs* difundiram-se em grande aceleração na *web* nos últimos anos, devido seu formato de publicação *online* que desperta interesse pela simplicidade em manuseio. Tal sucesso parece ter atingido e ressignificado práticas discursivas tradicionais, e neste contexto, modalidades de escrita no papel têm sido substituídas por escritas cotidianas no ecrã.

No caso, a diversidade de dispositivos tecnológicos apresentados nos *Weblogs* tem transformado-os em diários íntimos – *weblogs* pessoais, produzindo novas relações sociais e identidades singulares. De modo mais preciso, os *weblogs* pessoais vêm sendo utilizados como possíveis recursos identitários pelos cibernautas, dando corpo ao que vem sendo denominado “identidade virtual”.

Nessa pesquisa, foram utilizados para análise três recortes do portal de duas plataformas de criação de *weblogs*: *WordPress* e *Blogger*, além de cinco postagens de um único *blog*: *Manu ao pé da letra*.

É importante lembrar que a análise das plataformas que alojam tal recurso, e de modo especial, a plataforma *WordPress*, já diz muito sob quais processos de significação o sujeitointernauta está submetido. Seus enunciados, considerados nesta pesquisa como efeitos de sentido da cibercultura, são determinantes na forma como o sujeito *blogger* faz uso desse ambiente tecnológico. Conforme as análises realizadas, demanda-se deste um determinado comportamento em relação à escrita: as “escritas do eu”.

A discursividade da *blogger* *Manu*, estudada neste trabalho, permitiu observar operações discursivas, a partir das quais se tornou possível pensar num processo do sujeitointernauta em busca de uma delimitação identitária.

Com base nos recortes selecionados do *weblog* analisado, foi possível identificar os seguintes funcionamentos discursivos: o predomínio da informação e da descrição, modalidades que reportam às características da virtualidade, tais como, fluidez, velocidade, ou seja, atualização instantânea, em detrimento à narração e à autobiografia, que requerem mais retrospectiva e tempo de elaboração.

Nas postagens do *weblog* analisado, percebeu-se, também, um funcionamento mais parafrástico nas escritas sobre o “eu”. Desse modo, o discurso autoritário foi predominante, pela paráfrase em sobreposição à polissemia, ou seja, nas várias formas de dizer do mesmo. Pouco deslizamento e mais estabilização semântica. O que não significa afirmar que a *blogger* não apresente outros funcionamentos em sua prática discursiva.

Aprofundando, o discurso da cibercultura parece facilitar uma reconstituição identitária do sujeito, potencializando a possibilidade de um fortalecimento do “eu” em torno de uma singularidade, pela escrita de autoafirmações, projetada a uma visibilidade *online*.

As continuidades possíveis são várias e, certamente, essa pesquisa pretende ser o início do exercício para se compreender a complexidade e a singularidade das práticas discursivas no ciberespaço.

Acredita-se na necessidade de maiores investigações e pesquisas sobre a temática, visto que os sujeitos imersos nesse ambiente virtual estão em todo círculo social.

Ou seja, a finalidade desse estudo foi trazer algumas reflexões de como a cibercultura faz sentido no sujeito, como ela se diz nele, como o sujeito se constitui enquanto posição sujeitointernauta e como ele significa (se significa) na blogosfera.

## REFERÊNCIAS

ALAVA, Séraphin & Colaboradores. **Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?** Porto Alegre: Artmed, 2002.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO Sandra (orgs.). **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação.** São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BARBOSA, Elisabete; GRANADO, António. **Weblogs – Diário de Bordo.** Portugal: Porto Editora, LDA, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Ed., 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura;** tradução Sérgio Paulo Roaunet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Blog **Manu ao pé da letra.** Disponível em <http://blogdamanuca.blogspot.com>. Acessado em agosto de 2008 a setembro de 2009. Capturado em fevereiro de 2009 a setembro de 2009.

BLOGGER. **O que é um blog?** Disponível em [http://www.blogger.com/tour\\_start.g](http://www.blogger.com/tour_start.g) Capturado em 10 de fevereiro de 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura.** Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Poder da Identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CUNHA, Celso e PEREIRA, Cilene da Cunha. **Gramática do Português Contemporâneo.** São Paulo: Editora: L&PM, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Conversações;** tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

DICIONÁRIO DE INTERNETÊS. **Dicio.net – a internet mais simples.** Disponível em <http://dicio.net/>. Acessado em 23 de abril de 2009.

DISAL, Collins. **Collins Dicionário – Inglês - Português. Português - Inglês.** São Paulo: Editora Disal, 2005.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem.** São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1988.

ENSEMBLE, Critical Art. **Distúrbio eletrônico**; tradução de Leila de Souza Mendes. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

HAESBAERT, R. **Território, cultura e des-territorialização**. In: ROSENDHAL, Z e CORRÊA, R. (orgs.). Religião, identidade e território. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Objetiva, 2005.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix. 1985.

LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas, SP : Pontes, 1988.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico – De Rousseau à Internet**; organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed. 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**; tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_, Pierre. **Para navegar no século XXI**. Org.: Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.

LORES, Raul Juste. Jovens do Irã criam vida paralela. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 fev. 2009. Folha Mundo, p. A22.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**; tradução Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Dicionário de Filologia e Gramática: Referente à Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: J. Ozon. 1964.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001(a).

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos.** Campinas, SP: Pontes, 2001(b).

\_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura.** São Paulo: Cortez: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORWELL, George. **1984**; tradução de Wilson Velloso. 29ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

PAZ, Carolina Rodrigues. **A cultura Blog: questões introdutórias.** In: Revista FAMECOS. Porto Alegre. nº 22. Dezembro de 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso.** Campinas: Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_, 1969. **Analyse Authomatique du Discours**, Paris, Dunod. In: Orlandi, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis: Vozes, 1996.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.** Disponível em <http://www.priberam.pt>. Acessado em 25 de março de 2009.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**; tradução de Helder Aranha. Lisboa: Gradiva, 1996.

ROCHA, Paula Jung. **Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade.** In: Revista FAMECOS. Porto Alegre. nº 22. Dezembro de 2003.

RODRIGUES, Maria Aparecida. **O discurso autobiográfico confessional.** Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**: tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ROURE, Glacy Queirós de. **Gozo em Rede.** 2007.

\_\_\_\_\_, Glacy Queirós de. **Orkut e a socialização de jovens.** 2008.

\_\_\_\_\_, Glacy Queirós de. **Família e violência: historicidade de uma prática.** In: Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiás. V. 26, n.1. Goiânia: Ed. UCG, 1999, p. 57 – 98.

\_\_\_\_\_, Glacy Queirós de. **Educação e Cultura.** In: Educativa. Revista da Universidade Católica de Goiás. V. 06, n.2. Goiânia: Ed. UCG, 2003, p. 341-360.

\_\_\_\_\_, Glacy Queirós de. **Vidas Silenciadas: a violência com crianças e adolescentes na sociedade brasileira.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

SOUZA, Edney. In: Site INTERNEY. **Technorati e BlogBlogs - Organizando a Blogosfera.** Disponível em <http://www.interney.net/?p=9757763>. Capturado em 03 de julho de 2009.

TECHNORATI. **State of the Blogosphere.** Disponível em <http://technorati.com/blogging/state-of-the-blogosphere/>. Capturado em 01 de julho de 2009.

TOFFLER, Alwin. **Terceira Onda.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TRAMONTANO, Marcelo. **Vozes distantes – organização e sociabilidade em comunidades informatizadas.** In: Silveira, Amadeu Sérgio e Cassino, João (orgs.). Software livre e inclusão digital. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: a identidade na era da internet.** Lisboa: Relógio D'água Editores, 1997.

WEBCÉTERA – A internet além do discurso. **6 tipos de blogs.** Disponível em <http://webcetera.com.br/blog/2008/01/18/6-tipos-de-blogs>. Capturado em 15 de abril de 2009.

WEBMUNDI.COM. **Dicionário de tecnologia.** Disponível em <http://www.webmundi.com/dic/dicindex.asp>. Acessado em 23 de abril de 2009.

WORDPRESS. Disponível em <http://wordpress.com/>. Capturado em 03 de fevereiro de 2009.

## GLOSSÁRIO

1. **blog** - abreviação de weblog.
2. **blogger** - blogueiro.
3. **Blogger** - é uma plataforma; um serviço que oferece ferramentas para indivíduos publicarem textos na Internet.
4. **blogosfera** - espaço virtual em weblogs.
5. **chats** - salas de bate-papo virtuais.
6. **cibernauta** - internauta.
7. **ecrã** - tela.
8. **egotismo** - sentimento excessivo da própria personalidade; importância no trato consigo mesmo; tendência a mostrar a atenção, mostrando desconsideração pelas opiniões alheias.
9. **e-mail** – endereço eletrônico.
10. **gadgets** - podem ser definidos, no mundo online, como softwares ou aplicativos com funções específicas e que podem ser adicionados a um ambiente ou sistema mais amplo.
11. **internauta** - pessoa que navega (visita vários sites) na Internet.
12. **layout** - é um esboço mostrando a distribuição física, tamanhos e pesos de elementos como texto, gráficos ou figuras num determinado espaço.
13. **links** - conexão entre duas páginas ou dois sites, ou seja, quando o internauta seleciona uma palavra ou figura com link, é levado ao assunto desejado, que pode estar em outra página do site ou mesmo em outro site.
14. **MUD** - em termos de jogos de computador, um MUD apresenta jogadores que assumem o papel de uma personagem, e recebem informações textuais que descrevem salas, objetos, outras personagens e criaturas controladas pelo computador.
15. **notebook** - é um computador portátil, leve, designado para poder ser transportado e utilizado em diferentes lugares com facilidade.
16. **online** - conectado à Internet, permitindo comunicação e transmissão de dados em tempo real.
17. **Orkut** - site de relacionamentos que propõe o reencontro de pessoas e até mesmo novas amizades.

18. **plataforma** - é o padrão de um processo operacional ou de um computador.
19. **post** - postagem; entradas de texto cronológicas em websites/blogs.
20. **reality shows** - é um tipo de programa televisivo baseado na vida real. Quando uma emissora de TV realiza-o, todas as pessoas participantes ficam confinadas num local cercado de câmeras, cujo interesse é ficar até o final da duração do programa para o recebimento de um prêmio considerável. Os expectadores têm acesso a todos, ou quase todos, os acontecimentos internos.
21. **self** - o eu próprio; si mesmo como centro.
22. **sites** - local, na Internet, identificado por um nome de domínio, constituído por uma ou mais páginas de hipertexto, que podem conter textos, gráficos e informações multimídia, elaborados em linguagem própria, interpretada por navegadores na Internet.
23. **software** - são os programas que usados em computador servem para funções específicas.
24. **web** - rede; simplificação ou abreviação de: www - world wide web (rede de alcance mundial)
25. **website** - site, blog ..., conjunto de páginas sobre determinados assuntos, contendo textos, imagens e arquivos para download.
26. **weblog** - *blog* ou *blogue* é uma página da Web cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente de forma inversa (como um diário).
27. **Wikipédia** - é uma enciclopédia multilíngüe *online* livre, colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias.
28. **Wikis** – é uma coleção de muitas páginas interligadas, podendo ser visitada e editada por qualquer pessoa. O que torna bastante prático a reedição e futuras visitas.
29. **Wordpress** - é uma plataforma, um sistema de gerência de conteúdos na web, criado especialmente para a criação de blogs.